

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MIQUÉIAS MACHADO PONTES

MULHERES E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO
BRASIL: UMA QUESTÃO ÉTICA

São Leopoldo

2014

MIQUÉIAS MACHADO PONTES

MULHERES E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO
BRASIL: UMA QUESTÃO ÉTICA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: André Sidnei Musskopf

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P814m Pontes, Miquéias Machado
Mulheres e o exercício da liderança nas Assembleias de Deus no Brasil: uma questão ética / Miquéias Machado Pontes ; orientador André Sidnei Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.
67 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Mulheres nas obras da igreja – Assembleia de Deus. 2. Teologia feminista. 3. Ordenação de mulheres – Assembleia de Deus. I. Musskopf, André Sidnei. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

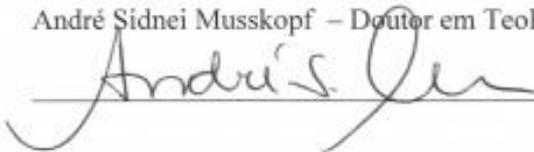
MIQUEIAS MACHADO PONTES

**MULHERES E O EXERCÍCIO DA LIDERANÇA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO
BRASIL**

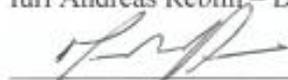
Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data de Aprovação: 12 de janeiro de 2015

André Sidnei Musskopf – Doutor em Teologia – EST (Presidente)



Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – EST



AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o apoio e o auxílio de inúmeras pessoas. Como seria impossível expressar o agradecimento a todas, menciono somente o apoio daquelas que estiveram mais próximas.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que tem me dado força e conhecimento para prosseguir;

À toda minha família: minha esposa e meu filho, pelo auxílio, pelo incentivo e pela compreensão;

Aos meus pais, pelo auxílio fraterno e financeiro;

À Pra. Rachel Lemos dos Santos e sua família, pela sensibilidade e permissão da pesquisa sobre sua figura materna, Ruth Doris Lemos, um exemplo de ternura, compaixão e cuidado.

À Faculdades EST, pela concessão de bolsa de estudos através do Programa de Gênero e Religião com financiamento da ICCO/Kerk in Actie da Holanda. Sem tal auxílio, todo o processo seria bem mais difícil;

À Igreja que pastoreio, pela graça e pela misericórdia divinas, que compreendeu as ausências;

Ao meu Orientador, Prof. Dr. André Musskopf, pela paciência, pelo incentivo e pela orientação, sem a qual teria sido bem difícil conseguir finalizar a pesquisa;

Ao Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin, que foi quem me iluminou com a temática da qual não tinha tanta leitura em religião e gênero;

A todos e todas as professoras da Faculdades EST, de cada disciplina, que nos guiaram nesse caminho tão difícil, mas prazeroso de trilhar;

À Faculdade Boas Novas, à direção e aos colegas, que me incentivaram a prosseguir na vida acadêmica, em especial ao Msc. Pr. Capelão Edivaldo Lopes de Lima pelo companheirismo e pela parceria lado a lado nestes dois anos;

Muito obrigado!

Dedico este trabalho a todas as mulheres, em especial à Frida Vingren e à Ruth Doris Lemos, mulheres que fizeram parte da História das Assembleias de Deus no Brasil, pela fundação e pela expansão de tal igreja. A todas que dedicam e dedicaram a sua vida ao serviço, ainda que de forma informal, não registrado institucionalmente, mas jamais esquecido por Deus, pois Ele criou o homem e a mulher: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Um Deus que colhe e acolhe, pois “Tu és o Deus que vê” (Gn 16.13).

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente.

(Habacuque 3.19)

RESUMO

O papel das mulheres e o exercício da liderança tem sido uma questão de discussão ética nas Assembleias de Deus no Brasil diante dos desafios impostos pela modernidade. O conceito de alteridade e as questões levantadas pelo feminismo e incorporadas pelas teologias feministas podem auxiliar na busca de respostas. Algumas mulheres têm se destacado na história desta denominação religiosa, mostrando ser possível a participação das mulheres na função pastoral eclesial. As histórias de Frida Vingren e Ruth Doris Lemos comprovam que desde a fundação das Assembleias de Deus no Brasil até a consolidação da formação de sua liderança, as mulheres têm participado ativamente e até mesmo reivindicado seu reconhecimento por meio da ordenação ministerial. Nessa discussão, estão envolvidas questões de gênero que mostram novas perspectivas possíveis para o futuro da Igreja no Brasil. Por isso, considerando o papel ativo e organicamente pulverizado das mulheres, o presente trabalho final de mestrado profissional busca considerar o seu papel na história das Assembleias de Deus ao longo de sua institucionalização como ramo do protestantismo pentecostal, presente no Brasil, bem como sua luta por reconhecimento.

Palavras-chave: Assembleia de Deus. Alteridade. Feminismo. Mulheres. Ordenação Ministerial.

ABSTRACT

The role of women and exercising leadership has been an issue of ethical discussion in the Assemblies of God in Brazil faced with the challenges imposed by modernity. The concept of otherness and the issues raised by feminism and incorporated in feminist theologies can help in the quest for answers. Some women have stood out in the history of this religious denomination showing that the participation of women in the ecclesiastical pastoral function is possible. The stories of Frida Vingren and Ruth Doris Lemas prove that since the foundation of the Assemblies of God in Brazil up to the consolidation of the formation of their leadership, the women have actively participated and even demanded their recognition through the ministerial ordination. In this discussion gender issues are involved which show possible new perspectives for the future of the church in Brazil. That is why, considering the active and organically distributed role of the women, this conclusion paper for the Professional Master's program considers their role in the history of the Assemblies of God throughout its institutionalization as a branch of the Pentecostal Protestantism present in Brazil as well as their struggle for recognition.

Keywords: Assembly of God. Otherness. Feminism. Women. Ministerial ordination.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ALTERIDADE E FEMINISMO: DESAFIOS ÉTICOS PARA A IGREJA	11
1.1 Desafios para a Igreja na atualidade	11
1.2 Alteridade e feminismo	14
<i>1.2.1 O feminismo e seus questionamentos</i>	16
<i>1.2.2 Teologia feminista</i>	20
<i>1.2.3 Alteridade</i>	26
2 FRIDA VINGREN E RUTH DORIS LEMOS: MULHERES QUE FIZERAM A HISTÓRIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL	32
2.1 O pentecostalismo assembleiano brasileiro: alguns apontamentos	33
2.2 A história de Frida Vingren e a fundação das Assembleias de Deus no Brasil	38
2.3 Frida Vingren e o debate sobre ordenação de mulheres	40
2.4 A história de Ruth Doris Lemos e a formação da liderança das Assembleias de Deus no Brasil	44
2.5 Considerações acerca do Ministério Feminino nas Assembleias de Deus no Brasil	46
3 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA IGREJA	48
3.1 Mulheres e o exercício de poder na vida eclesial	51
3.2 O papel e o lugar das mulheres hoje nas Assembleias de Deus	54
3.3 Gênero, ministérios e perspectivas para o futuro da igreja	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa que buscou mostrar a relevância e a contribuição das mulheres no exercício da liderança nas Assembleias de Deus no Brasil. O resgate das histórias de Frida Vingren e Ruth Lemos, revela quão importante tem sido a participação, ainda que informal, das mulheres na liderança da Igreja. Diante da desvalorização das mulheres na sociedade, a pesquisa também analisa a importância das mulheres no exercício da liderança nas igrejas.

Essa proposta visa despertar um novo olhar sobre a questão de gênero e de religião, mostrando como as mulheres podem contribuir para a qualificação da liderança da Igreja, especificamente das Assembleias de Deus no Brasil. Para tanto, são apresentadas duas mulheres de grande expressão na história dessa denominação: Frida Vingren e Ruth Doris Lemos. A primeira foi muito atuante no início da fundação das Assembleias de Deus e a segunda dedicou-se ao desenvolvimento da qualificação e da expansão da instituição. Dessa forma, a pesquisa busca revelar as qualidades e a sensibilidade e a eficácia dessas mulheres na condução e na qualificação da liderança da Igreja.

Para discutir essas questões, o trabalho propõe analisar, por meio de uma abordagem teológica, a questão da alteridade e do feminismo a partir das relações de poder nas Assembleias de Deus, no Brasil, e das trajetórias de Frida Vingren e Ruth Doris Lemos. Através dessa discussão, a pesquisa busca averiguar o quanto as questões de gênero têm influenciado, ou não, a construção das relações de poder da denominação religiosa, parte do objeto de pesquisa. Assim, a fim de trabalhar a questão de alteridade e feminismo, nos marcos de um processo de emancipação social, analisando por meio de algumas perspectivas filosóficas, sociológicas, políticas e, maiormente, teológicas, busca-se compreender o papel das mulheres na elaboração das questões de gênero em meio às Assembleias de Deus no Brasil.

Investigar as biografias de Frida Vingren e Ruth Dóris Lemos numa perspectiva de gênero revela uma contínua doação de si para o desenvolvimento, a participação e a formação da liderança das Assembleias de Deus no Brasil. Essa percepção aponta para a relevância do projeto de uma liderança mais qualificada,

justa, humana, sensível e eficaz, mostrando a importância do *outro* e sua responsabilidade como motivação da formação da liderança da Igreja.

Tratar das trajetórias de Frida Vingren e Ruth Doris Lemos é um grande desafio diante da enorme contribuição que elas trouxeram para a história das Assembleias de Deus no Brasil, e lembrar historiograficamente que se trata de mulheres no exercício ministerial, mormente dominado pela figura masculina. Seus objetivos eram servir no santo ministério eclesiástico, propagar o Reino de Deus por meio de missões e proporcionar aos/às jovens vocacionados/as a oportunidade de se prepararem para melhor servir na liderança da Igreja, atendendo aos novos desafios impostos pela modernidade.

Estas questões conduzem ao questionamento do reconhecimento do trabalho desenvolvido por mulheres, as quais, apesar de tão significativa participação no exercício da liderança desta igreja, continuam a não ocupar uma função eclesiástica formal. Ao abordar a questão de alteridade e feminismo, a partir de um enfoque teológico a respeito das relações de poder nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil, percebe-se que é necessário discutir a relação entre religião e gênero no âmbito institucional e religioso, e o quanto tal questão influencia no comportamento ético e moral, bem como nas decisões da liderança da instituição. Por isso, essa pesquisa tem uma importância enorme, já que a maioria das instituições religiosas não possui mulheres nos cargos mais importantes e significativos, seja em cargos ministeriais de culto, seja em cargos administrativos.

Diante destas indagações, a pesquisa está imbuída da responsabilidade de buscar respostas a tais questões antigas, no intuito de dialogar com esse dilema imposto pela sociedade moderna que busca questionar a respeito do lugar da mulher dentro das instituições religiosas. Por isso, cabe a pergunta: existe lugar para mulher na liderança das Assembleias de Deus no Brasil? Tal questionamento se mostra relevante devido ao fato de que, em seu início e desenvolvimento, mantêm as mulheres papéis fundamentais na organização da instituição, ainda que enormemente invisibilizados pela ordem estrutural significativa, vinculada ao papel dominante dos homens, da referida denominação religiosa.

1 ALTERIDADE E FEMINISMO: DESAFIOS ÉTICOS PARA A IGREJA

Era uma vez a graça. A graça, não cabendo em si mesma, transbordou-se, fez-se criação, mulher, homem, natureza [...] “e vimos que tudo era bom, era muito bom”.¹

As questões de alteridade e feminismo têm sido assunto discutido e debatido desde o último século, e a Igreja tem sido impelida a dar respostas a tais questões nas novas formas de relações de poder na qual está embutida tal discussão. Como essas questões têm influenciado as relações de poder nas Assembleias de Deus no Brasil? Ou a Igreja não tem sido influenciada por tais relações mesmo em meio ao pluralismo contemporâneo? Qual tem sido a posição de tal denominação religiosa sobre as questões de gênero e religião? Qual a importância das mulheres e quais suas contribuições para o desenvolvimento e a formação da liderança das Assembleias de Deus no Brasil? Qual será a relevância do projeto de uma liderança mais qualificada, justa, humana, sensível e eficaz, que tenha em vista a importância do *outro* e a sua responsabilidade como motivação da formação da liderança da Igreja? Essas são algumas questões que motivam a presente reflexão.

1.1 Desafios para a Igreja na atualidade

Batista apresenta algumas mudanças diante de um novo modelo de religião, fé e espiritualidade que tem marcado o que ele chama de modernidade e proposto algumas mudanças nas instituições eclesiais.² Com o advento do Iluminismo, a racionalidade foi instrumentalizada dando ênfase à subjetividade e não mais à coletividade da vida em comunidade, algo até então muito comum e enfatizado no âmbito religioso, gerando novas formas de vinculação da vida religiosa. A religião começou a ser interpretada com um novo olhar, com uma nova visão, mais crítica, gerando uma teologia mais racionalista, na qual alguns esquemas ideológicos foram rejeitados como utópicos, provocando uma mudança de realidade.

Com o avanço do que algumas teóricas chamam de pós-modernidade, novas tecnologias, novas descobertas científicas e novas discussões morais e

¹ SILVA, Sílvia Regina de Lima. Apresentação. In: OSDOL, Judith Van. (Org.). *As mulheres e a graça: releituras bíblicas de mulheres latino-americanas*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 7.

² BATISTA, Israel. Para brotar, a Semente deve morrer. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009. p. 92-93.

éticas, fazem emergir novas realidades sociais. Os poderes econômicos passam a ditar essa nova moral subordinando os poderes políticos. O neoliberalismo impõe um novo ritmo de convivência de tendências sociais que fazem parte deste “pacote” de desenvolvimento econômico propostos pelas novas exigências do mercado, e que é regido pelo poder do capital e não mais só por poderes políticos, religiosos e valores éticos, que não estão mais atendendo às novas exigências advindas desse novo contexto.

Batista relata que

Essas realidades ajudam a explicar algumas dinâmicas distorcidas do mundo eclesial latino-americano. Harold Segura lembra-nos: teologia da prosperidade, clericalismo evangélico, obsessão pelo poder político, vazio de piedade e de sacramentalidade como consumo, diversidade eclesial que chega à fragmentação, mobilidade e individualismo religioso.³

Diante destas novas realidades, o que a Igreja tem feito para atender tais desafios? Como ela tem reagido para atender a essas novas questões?

Em meio às tensões latino-americanas, a Igreja tem sido fortalecida e amadurecida com uma visão de futuro, afirma Batista.⁴ Apesar da fragmentação dos espaços religiosos por conta de “exigências” e dinâmicas do mercado capitalista, tais desafios não podem ditar as regras para a Igreja, fazendo-a perder sua identidade, ainda que por muitos anos a Igreja, ao invés de ser um canal de “Boas Novas”, de libertação da alma e também do corpo, tenha sido opressora e irresponsável em muitos aspectos. A Igreja precisa se renovar e aderir da melhor forma conciliável possível, a essa nova realidade de mundo, de sociedade e de realidade eclesial, atendendo aos novos desafios.

Percebe-se que um pouco mais de *sensibilidade* ajudaria a Igreja a não mais impor sua mensagem de salvação, mas a proclamá-la por meio de ações e não só de palavras e discurso, que atendam às necessidades da sociedade tão carente e oprimida pelo sistema que exclui as pessoas mais pobres e necessitadas. É preciso um pouco de humildade para reconhecer suas falhas e identidade própria para mostrar seus princípios éticos em meio à pluralidade religiosa, conclama Batista.⁵ Apesar da crença em um mesmo Deus ou em uma mesma religião, as questões

³ BATISTA, 2009, p. 94.

⁴ BATISTA, 2009, p. 98.

⁵ BATISTA, 2009, p. 99.

colocadas por essa nova realidade, como a diversidade, têm levando a sociedade a uma diversidade fragmentada.

A proposta de unidade não é em busca de debates doutrinários, o que seria bem difícil, mas pelo menos em busca de uma proposta pastoral, profética e missionária, relata Batista.⁶ O desafio da Igreja é passar de uma minoria intranscendente para uma minoria positiva, significativa e motivada que proporcione mudanças não só para o além, mas para o presente, como um ator social atuante na sociedade.

Tal proposta não deve estar pautada em credos e confissões eclesiais somente, mas, acima de tudo, diz Batista, na capacidade de discernir a esperança em meio a incertezas.⁷ As mudanças geram crises que fazem parte natural do processo de desenvolvimento. Porém, tais mudanças provocam uma nova percepção da realidade, propondo uma imaginação nova que atenda às necessidades em testemunho e compromisso movido por compaixão a *alteridades*.

Batista destaca três desafios importantes para tal proposta ética: a) a força do surgimento do tema da ética no campo pastoral; b) o diálogo católico-protestante no futuro tem se deslocado para o diálogo católico-evangélico, centrado nas questões éticas da vida, da sexualidade e da ciência; e c) a urgência da Igreja em assumir esses novos temas éticos: sexualidade, bioética, biogenética e saúde reprodutiva, para facilitar o diálogo das diversidades entre as igrejas e o labor profético diante da sociedade.⁸ Dialogar com tais desafios torna a proposta de tentar descrever a condição das mulheres, no desenvolvimento de seu papel de liderança, um grande desafio ético tanto à descrição analítica de sua atuação quanto aos aspectos práticos de tal desafio, constituído na superação das limitações da condição das mulheres na *classe social* numa *perspectiva sociológica*.

⁶ BATISTA, 2009, p. 99.

⁷ BATISTA, 2009, p. 101.

⁸ BATISTA, 2009, p. 101.

1.2 Alteridade e feminismo

As questões da alteridade e do feminismo têm trazido um novo olhar para as relações de poder no campo eclesial. Apesar de inúmeras restrições quanto à questão discutida, revelando quanto pré-conceito, desvalorização e falta de informação sobre a história há no seio das práticas eclesiais, o feminismo tem influenciado também as práticas das igrejas pentecostais, mesmo que transversalmente, pois as mudanças na sociedade também atingem as igrejas com fortes traços conservadores, uma vez que as conquistas tornadas leis positivas a toda a sociedade obriga sua observação.

Diante das crises e desafios que emergem das novas organizações sociais e, apesar da realidade de uma sociedade capitalista, na qual o que determina a ética e a moral é aquilo que gera lucro, têm sido verificados grandes avanços na questão dos valores. O feminismo, tanto como movimento social quanto como corrente teórica, tem trazido muitas transformações, juntamente com grandes avanços tecnológicos, e contribuído para a valorização do *outro*, no controle de natalidade, na inserção das mulheres no mercado de trabalho e, de forma geral, na questão dos direitos das mulheres na sociedade. A igreja e a reflexão teológica não ficaram alheias tais questões.

Segundo Murad

A teologia cristã aos poucos compreendeu a importância da reivindicação das mulheres, a partir do fundamento da igual dignidade do homem e da mulher, criados a imagem e semelhança de Deus. Constatou também a violência e os abusos contra as mulheres e a discriminação em torno do tema da sexualidade, e se posicionou diante disso.⁹

É notório que o comportamento do indivíduo é influenciado por uma série de fatores que irão nortear a conduta e os valores morais que são construídos e adquiridos na dinâmica do contexto social em que está inserido, como afirmam as teorias feministas e de gênero. Porém, Pondé, ao analisar a questão de gênero, critica particularmente a questão relativa à compreensão das questões biológicas implicadas na construção das identidades de homens e mulheres. Segundo ele:

⁹ MURAD, Afonso et al. *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 199.

Claro que a sociedade impacta a sexualidade e seus modos de ação, mas dizer que não há nada no homem e na mulher (ou na maioria esmagadora deles) que tenha a ver com sua herança biológica é como negar a lei da gravidade dizendo que os corpos caem apenas porque a ideologia opressora persegue os corpos de menor massa.¹⁰

As teorias feministas contemporâneas afirmam que as identidades de gênero representam construções culturais, e não são derivadas diretamente de fatores naturais e biológicos. O que as teorias de gênero fazem é diferenciar entre “sexo” (biológico) e “gênero” (socialmente construído). A construção sócio-histórica, a ideologia sexual e os sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e de outro sexo, é o que determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas exigidas de cada sexo.

Algumas correntes teológicas dentro do cristianismo afirmam que o sexo não se desenvolve no comportamento, nos afetos, nos pensamentos e nas fantasias, mas por fatores biológicos que os distinguem. Tais correntes afirmam que, apesar de as condições sociais influenciarem no desenvolvimento do indivíduo, tais fatores não podem determinar o sexo de cada pessoa, pois tais fatores são definidos pela natureza. No entanto, apesar das diferenças sexuais, somos todas iguais diante de Cristo, não havendo nenhuma distinção, conforme afirma o apóstolo Paulo, em Gálatas 3.23-28:

Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio. Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa.¹¹

As mulheres, no âmbito eclesiástico, em especial nas Assembleias de Deus, não se fecharam para o diálogo diante dos desafios impostos. De maneira especial, Frida Vingren e Ruth Doris Lemos se doaram nessa missão criando uma relação de autotranscendência (sair de si), de *auto-doar-se* em um processo contínuo de amor, entrega e renúncia, mostrando o quanto as mulheres podem contribuir e auxiliar nas

¹⁰ PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012. p. 86.

¹¹ Todas as citações bíblicas serão tomadas da seguinte versão: A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

relações no âmbito do poder religioso. Tal proposta é a de uma liderança mais qualificada, justa, mais humana, sensível e eficaz que mostre a importância da *alteridade* e suas responsabilidades como motivação da formação da liderança da Igreja.

As questões que envolvem as mulheres tiveram grande relevância na perspectiva desse novo olhar da liderança eclesial das Assembleias de Deus no Brasil, mediante as enormes contribuições no âmbito da formação e qualificação da liderança de tal Igreja, mostrando a importância das mulheres quanto à relação de poder nas Igrejas. Apesar da contribuição e legado deixado pelas mulheres na história das Assembleias de Deus, no Brasil, ainda é perceptível grandes restrições ao se discutir a questão de gênero e religião entre a liderança das Igrejas, muitas vezes por falta de informação da própria história, que é ocultada. Diante da tensão que os novos desafios têm provocado na sociedade, como a questão do gênero e da religião, é fundamental buscar respostas para tais indagações e analisar como a teologia tem respondido a tais tensões impostas pelas novas organizações sociais contemporâneas.

1.2.1 O feminismo e seus questionamentos

A imagem da mulher como “anjo do lar” idealizava o papel doméstico das mulheres, além de obscurecer a importância e a vitalidade das mulheres fora do âmbito doméstico. Seu papel no mundo do trabalho, no âmbito social, não tinha relevância. O perfil da mulher era o de nunca ter opinião ou vontade própria, e sempre concordar com as opiniões e as vontades dos outros, sem se posicionar, simbolizando pureza, afirma Woolf.¹²

A atuação das mulheres ficou circunscrita à esfera doméstica por conta da ausência de direitos políticos e sociais. Na perspectiva de Marx e Engels, as mulheres não eram insensíveis diante da situação de inferioridade imposta pela sociedade. Por influência do marxismo, Engels tentou resgatar o início dos tempos à análise materialista do desenvolvimento da civilização, na qual a classe trabalhadora em seu conjunto foi o motor da revolução social. Nessa análise, a mulher não é identificada como um grupo social diferenciado, não constitui um elemento essencial

¹² WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 11-12.

para tal revolução.¹³ Oliveira afirma que é impossível dissociar o surgimento do feminismo hodierno dos movimentos políticos e progressistas que tiveram início no século XIX.¹⁴

A presença das mulheres no âmbito social sempre suscitou muitos preconceitos, pois eram vistas como um fantasma a ser combatido e marginalizado do âmbito social. De fato, nada impede que as mulheres exerçam tais profissões que eram vistas como sendo exercidas com exclusividade por homens, a exemplos de médicos, advogados, motoristas, pedreiros e tantas outras funções que são “oficializadas” para homens. Muitos pré-conceitos têm sido superados; porém, muitas profissões ainda estão sob o domínio dos homens. Será que as mulheres não teriam condições de exercer tais profissões sem cumprir com as obrigações exigidas pelas mesmas? O que tem sido visto é que, muitas vezes, as mulheres têm superado as qualidades e exercido um papel bem mais qualificado do que os homens, em algumas profissões, o que antes era visto como exclusividade masculina.

O sexismo subjacente, utilizado muitas vezes de forma ofensiva ou vulgar para inferiorizar as mulheres em relação aos homens, tem influenciado a estrutura social da humanidade, colocando as mulheres como seres rebaixados, inferiores aos homens. Esse sexismo abarca todos os âmbitos da vida e das relações humanas, manifestando uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e perpetuando todos os métodos utilizados para manter essa desigualdade.¹⁵

Nessa direção, o feminismo designa um movimento político que tem como objetivo fortalecer o papel social das mulheres na sociedade. Esse movimento, e também as reflexões que surgem a partir dele, visa atenuar a desvantagem que é imposta às mulheres pelo fato de serem mulheres, propondo a abolição desta desvantagem no contexto social, como afirma Heywood.¹⁶ Este movimento tinha como foco central, nos seus inícios, a campanha pelo sufrágio universal, período conhecido como “primeira onda”, e que visava acima de tudo a emancipação

¹³ ENGELS, Friedrich. A Origem da Família e do Estado. In: OLIVEIRA, André Tadeu de. Cristianismo e a questão feminista: Análise Teológica, Histórica e Sociológica. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012.

¹⁴ OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012. p. 75.

¹⁵ GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011. p. 18-19.

¹⁶ HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas [v.2]: do feminismo ao multiculturalismo*. São Paulo: Ática, 2010. p. 21.

política. A “segunda onda” tinha como foco central a libertação das mulheres no âmbito social. Os dois momentos no desenvolvimento do feminismo tinham como propósitos a diminuição do radicalismo e a fragmentação presente em várias propostas, porém sem um princípio comum, considera Heywood.¹⁷

Os principais temas abordados eram: a separação entre o público e o privado, o patriarcado, o sexo, o gênero e a igualdade e a diferença. Tais políticas visavam principalmente a superação da problemática do público e do privado, catapultando a presença das mulheres ao âmbito público das decisões coletivas. Heywood expõe tal superação mostrando que a mulher ficava restrita ao papel privado de esposa e mãe, isto é, literalmente excluída da vida pública. O autor apresenta a divisão sexual do trabalho entre o homem “público”, voltado para a política, a educação, a profissão, as artes, a literatura, etc, enquanto que a mulher, restrita ao “privado”, atinha-se exclusivamente para a família, para a assistência aos filhos e marido e ao trabalho doméstico.¹⁸

Por conta da forma de opressão exercida em função do machismo, assevera Heywood, as feministas acreditam que o gênero, assim como a classe social, a raça ou a religião, motiva uma divisão social significativa em termos políticos, pois a questão do gênero é a mais profunda das divisões sociais e de maior importância política.¹⁹ Para elas, a sociedade é baseada em sistemas de desigualdade e opressão de gênero. Por conta desta desigualdade e opressão, elas utilizam o conceito de patriarcado para descrever tal relação de poder entre os homens e as mulheres.²⁰

As teorias do patriarcado como um sistema político permitiram enxergar até onde se estendem o controle e o domínio sobre as mulheres, colocando-as em uma posição inferior. Essa tomada de consciência mostra e revela a violência sofrida durante séculos, pois milhares de mulheres pensavam que sofrer maus-tratos fosse algo normal. Claro que muitas conquistas já foram feitas no âmbito político, mas

¹⁷ HEYWOOD, 2010, p. 23.

¹⁸ HEYWOOD, 2010, p. 25.

¹⁹ HEYWOOD, 2010, p. 26.

²⁰ Literalmente, o “governo do pai”. Tal termo é utilizado num sentido mais amplo visando descrever o sistema de dominação dos homens e a subordinação das mulheres na sociedade como um todo, considera HEYWOOD, 2010, p. 26.

ainda existe muito para se avançar, pois os problemas somente vêm sendo colocados na mesa, não desapareceram.²¹

O sistema social baseado no controle dos homens sobre as mulheres, de opressão do masculino sobre o feminino, tem oprimido não só as mulheres mas também os homens. Como destaca Ludovico, os homens têm sido obrigados a sufocar sua afetividade e sua sensibilidade, principalmente nos ritos de passagem de menino para homem.²²

A industrialização gerou uma mudança estrutural no seio da família, fazendo uma separação definitiva entre moradia e local de trabalho, subtraindo da família esta autonomia econômica. A vida pública estava reservada ao homem, enquanto que a vida privada, domiciliar, estava reservada para a mulher. Dentro desse contexto, Heywood afirma que o fator biológico (gerar filhos), ligado à posição social das mulheres, não as colocam em desvantagem, muito menos determina seu destino social.²³ Porém, a sociedade moderna tem tentado transferir suas responsabilidades familiares para o Estado em busca de produção e consumo.

Assim, a proposta do feminismo no tocante à participação das mulheres no *mundo do trabalho*, numa *perspectiva política*, visava um despertar da consciência, buscando estratégias que viessem remodelar a identidade social e desafiar a inferioridade cultural imposta pela sociedade às mulheres. Segundo Heywood, o feminismo enfatiza o amor-próprio, a autoestima e a autoafirmação.²⁴

As feministas afirmam que as instituições religiosas acusam-nas de destruidoras da fé e dos valores da religião. A proposta de tal movimento fora da Igreja, segundo Nicodemus, teve três momentos marcantes. No século XVIII, há a reivindicação dos direitos das mulheres com a “Primeira Onda” de tal movimento. No século XIX, reivindicam-se os direitos básicos das mulheres como: melhores empregos, pagamento equitativo e mercado de trabalho, empregos que até então eram exclusivos dos homens. Com essas reivindicações veio a denúncia do duplo padrão de moralidade imposto e que condenava as mulheres e excluía os homens de penas públicas, inclusive em relação aos crimes de natureza sexual. Tais

²¹ GARCIA, 2011, p.17-18.

²² LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 32.

²³ HEYWOOD, 2010, p. 27.

²⁴ HEYWOOD, 2010, p. 37.

reivindicações provocaram mudanças justas e consistentes tornando o movimento maior, gerando mudanças drásticas no contexto do casamento por conta da liberação das leis do divórcio que valorizavam o *status* legal das mulheres. Por fim, o século XX de Simone de Beauvoir, presenciou a primeira fase da construção do feminismo moderno. A publicação da obra *O Segundo Sexo (Le Deuxième Sexe)*, considera Nicodemus, foi importante para a afirmação das mulheres, as quais sempre foram definidas e diferenciadas por padrões masculinos.²⁵

Outra grande expoente de tal movimento foi Betty Friedan que trouxe uma nova perspectiva a respeito da mulher moderna, desmistificando as mulheres americanas para além de esposas e mães, fazendo-as encontrar e conhecer a si mesmas, provocando enormes mudanças nas estruturas de relações de poder político, social e econômico. Betty atacava os mitos culturais que sustentavam o caráter doméstico da mulher, derivando em sentimento de frustração e desespero, confinando, por isso, as mulheres aos papéis de esposas e mães. Seu objetivo era ampliar as oportunidades e as profissões que as mulheres ocupavam. Esta iniciativa foi vista por muitos como perigosa, pois supostamente visava incentivar as mulheres a negar a importância dos filhos, do lar e da família.

Diante da tensão que os novos desafios têm provocado na sociedade, como a questão de religião e gênero, o feminismo e seus questionamentos têm despertado um novo olhar em busca de respostas para tais indagações. Ainda que tais respostas não sejam suficientes e definitivas, tem-se buscado outras respostas para essas tensões impostas pelas novas organizações sociais contemporâneas, buscando um consenso mínimo entre homens e mulheres.

1.2.2 Teologia feminista

A teologia feminista não pode ser compreendida sem uma ligação com o movimento feminista secular.²⁶ Tal teologia nasce e tem a mesma finalidade do movimento feminista laico.

²⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *O Feminismo Cristão: como tudo começou*. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>>. Acesso em: 04 out 2014.

²⁶ OLIVEIRA, 2012, p. 76.

O surgimento da Teologia Feminista está vinculado ao movimento feminista. Como um movimento político, o feminismo advoga a equiparação de direitos e deveres entre mulheres e homens, denunciando a disparidade social e econômica entre os sexos e almejando uma sociedade na qual homens e mulheres tenham o mesmo valor. A teologia feminista, por sua vez, aponta as incongruências nas práticas eclesiais, o papel legitimador das religiões na subserviência feminista e o potencial libertador que as religiões oferecem.²⁷

O androcentrismo, que considera o homem como medida de todas as coisas, determina que o mundo se define a partir do que é considerado masculino e ao homem então é atribuída toda a representação da humanidade.²⁸ É uma visão de mundo na qual são valorizados os pontos de vistas masculinos.

A teologia feminista cristã é feita por mulheres cristãs que buscam compartilhar e contribuir por meio de suas pesquisas e experiências, para a consciência da dignidade e da responsabilidade das mulheres.²⁹ Deifelt alerta sobre o perigo de se domesticar Deus: “Nossa compreensão de revelação se dá, de modo geral, dentro do padrão daquilo que conhecemos, ou seja, de nossos sistemas de valores e crença, da fé que nos foi ensinada por nossos ancestrais”.³⁰ Segundo sua perspectiva, existe o perigo de se domesticar a Deus, colocando-o numa perspectiva humana e limitada puramente racional, limitando-o a uma interpretação universal e não particular, isto é, subjetiva. Este é o caso quando se limita a compreensão de Deus a partir de padrões e imagens associadas aos homens. No patriarcado, o caso específico da situação masculina, o qual construído socialmente, torna-se padrão e eleva-se como coisa universal, lembrando o que diz Heidegger sobre o conhecimento prévio que permite a inteligibilidade, mas confundido com metafísica.³¹ Portanto, a experiência religiosa é um pressuposto básico para a interpretação de tal divindade, afirma Deifelt.³²

²⁷ DEIFELT, Wanda. Teologias Feministas. In: OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012. p. 76.

²⁸ GARCIA, 2011, p. 15.

²⁹ MURAD, 2010, p. 200.

³⁰ DEIFELT, Wanda. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: TOMITA, Luiza E. et al. *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, ASETT, 2006. p. 70-102.

³¹ SEIBT, Cezar Luís. *A dupla estrutura do conhecimento: relação entre teoria e compreender prévio do ser-no-mundo em Martin Heidegger*. Tese. 200 f. (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

³² DEIFELT, 2006, p. 72.

A própria tradição bíblica já apontava para os perigos de uma revelação divina que serve para justificar sistemas opressivos. Segundo Deifelt, a universalização de uma representação particular de Deus permitiu sua fácil manipulação como justificativa para sistemas opressivos.³³ Ela mostra que Deus se revela também fora do âmbito do cristianismo, sua proposta é abrir o caminho para as reflexões teológicas nas perspectivas de outras religiões.³⁴ Essa proposta aponta para uma relação complexa de interdependência, e que parte de um compromisso com a dignidade com toda a criação, mostrando que o cristianismo tem muito a aprender com as outras religiões.³⁵

Libâneo e Murad afirmam que há uma relação entre a teologia feminista e alguns elementos da Teologia da Libertação, já que esta incorpora em sua ótica a pergunta pela mulher empobrecida e marginalizada da sociedade.³⁶ Halkes define a teologia feminista como uma crítica da Teologia da Libertação, pois não se baseia no caráter particular da mulher como tal, mas nas suas experiências históricas de sofrimento e opressão sexual e psíquica, infantilizando sua invisibilidade estrutural em consequência do sexismo nas igrejas e na sociedade.³⁷

Diante de tal definição, qual seria o papel de uma teologia feminista? Realizar a análise crítica, a exploração construtiva, bem como a transformação conceitual, colaborando assim para o florescimento da tradição viva da igreja.³⁸ Sua tarefa seria denunciar e superar o sexismo que tem uma grande influência dentro das Instituições religiosas, superando uma análise antropológica deficientemente patriarcal, e que associa o ser humano ideal ao sexo masculino.³⁹ A proposta da teologia feminista propende, portanto, uma ação criadora a partir de uma ótica de reciprocidade. Não é uma teologia voltada só para as mulheres, mas para todas as pessoas, sejam homens, sejam mulheres, visando à superação de uma teologia incompleta, não baseada na integralidade do que é humano, e que se mostra

³³ DEIFELT, 2006, p. 81.

³⁴ DEIFELT, 2006, p. 81.

³⁵ DEIFELT, 2006, p. 85.

³⁶ LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 254.

³⁷ HALKES, C. Teologia Feminista. Balanço provisório. In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 255.

³⁸ FIORENZA, Elizabeth S. Editorial de: Concilium 202 (1985). In: LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 255.

³⁹ LIBÂNEO; MURAD, 2007, p. 256.

preocupada com a sobrevivência e bem-estar, não só do gênero humano, mas de todo o planeta.⁴⁰

Deste modo, a Teologia Feminista se expressa em práticas que produzam transformações e não só em teorias que não produzam mudanças, ou em expectativas no além, no outro mundo, mas com ações éticas transformadoras aqui no presente. Tal teologia visa o respeito, a convergência e o diálogo no campo teológico que tragam transformações no cotidiano. Conseqüentemente, explicitam-se e estreitam-se os laços entre teologia e ação pastoral, uma *práxis* transformadora não só da consciência, mas também da realidade. Conforme destacam Libâneo e Murad:

A pluralidade da teologia não se fundamenta no pluralismo do mundo moderno, embora seja estimulado por ele. Mesmo com muitos elementos positivos, o pluralismo da sociedade mostra-se como fragmentário, centrífugo, fruto da crise de valores consensuais e da luta de interesses de grupos, espaço privilegiado de afirmação do individualismo. A pluralidade da teologia, por sua vez, se baseia na encarnação do Verbo, no mistério de Deus, não plenamente abarcável por nenhuma formulação humana, e na dimensão escatológica da verdade da revelação. A pluralidade dos enfoques não produz somente e primariamente efeito desconstrutor, como muitas correntes de pensamento e movimentos pós-modernos. Ao contrário, como filhos da Igreja, visam enriquecer construtivamente o patrimônio vivo da tradição, ajudar a comunidade eclesial a encarnar a boa nova do Evangelho de Jesus Cristo. A teologia não se define como discurso do *fragmento*, mas do *mosaico*: articula e dá sentido, com consciência de sua provisoriedade, aos elementos que se lhe apresentam. Em seu intento de estabelecer diálogo eficaz com o mundo, uma teologia coerente evita a “tendência camaleão”, que assume ingenuamente qualquer novo discurso ou forma de pensar, procurando revesti-los de verniz cristão. A identidade cristã, sempre situada, distancia-se de “macaquear” a realidade, moldando-se acriticamente a qualquer ética, movimento social ou corrente de pensamento. Esta forma trairia a qualidade interpeladora do Evangelho. Portanto, um novo enfoque comporta verdadeira tarefa recriadora, mantendo integralmente a identidade cristã, no esforço de reconfigurá-la em distintos contextos.⁴¹

Outro ponto fundamental é que as mulheres foram e têm sido desvalorizadas na história da humanidade. O que se propõe, na realidade, é um retorno ao princípio, segundo Ludovico.⁴² Diante dos enormes estragos ocasionados pelo domínio dos homens sobre as mulheres e considerando o avanço tecnológico da humanidade, que vem se tornando cada vez mais desumano, a Teologia Feminista

⁴⁰ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

⁴¹ LIBÂNEO; MURAD, 2007, p. 282.

⁴² LUDOVICO, 2010, p. 47.

convida a voltar a uma compreensão sobre o que significa *ser* homem e *ser* mulher, conforme o projeto estabelecido por Deus desde o princípio.

Ivone Gebara descreve, por exemplo, a ambivalência da figura da virgem Maria que, de um lado, é humilde, obediente e protetora, e de outro, a figura da mulher poderosa.⁴³ Segundo ela, por muito tempo, essa espécie de alienação e de exílio das mulheres do mundo público, civil e religioso, não incomodou tanto porque as mulheres acostumaram-se a serem socializadas dentro de um referencial masculino, considerando a suposta superioridade masculina algo natural.⁴⁴ O conceito de Deus era influenciado pelas experiências de poder dos homens com essa transcendência, sentencia Gebara.⁴⁵ No entanto, há outras possibilidades de pensar essa questão; por exemplo, no diálogo de Moisés com Deus em meio à sarça ardente, em Êxodo 3.13-15:

Disse Moisés a Deus: Eis que, quando eu vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós outros; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.

O termo em hebraico usado para expressar o conceito de Deus é: **היה** (*hayah*) que significa: ser, tornar-se, vir a ser, existir, acontecer.⁴⁶ É um conceito que não tem definição sexual. Deus era conceituado no ambiente público e religioso de acordo com as experiências com o transcendente, que eram expressos conforme as respostas de suas necessidades humanas.⁴⁷ A autora salienta que a distinção doméstica limitou o acesso ao mundo público, que conseqüentemente limitou o acesso à expressão pública de sua experiência religiosa.

A insegurança do novo, partindo de uma análise antropológica da religião, tem ameaçado a paz de algumas instituições religiosas tradicionais que não concordam com tais interpretações contemporâneas. O debate tem atenuado tal discussão, já que novas compreensões têm surgido com o progresso das ciências,

⁴³ GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 21.

⁴⁴ GEBARA, 2007, p. 23.

⁴⁵ GEBARA, 2007, p. 28.

⁴⁶ STRONG, J. (2002; 2005). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (H1961). Sociedade Bíblica do Brasil.

⁴⁷ GEBARA, 2007, p. 28-29.

que partem de uma análise que utiliza diferentes ferramentas científicas e não mais só de uma confissão de fé institucionalizada. Porém, não se pode negar as contribuições que as mulheres têm dado às igrejas protestantes, especialmente às Assembleias de Deus no Brasil, no âmbito das relações de poder.

Tal perspectiva teológica trouxe novas abordagens sobre a compreensão do conceito de transcendência com uma nova compreensão do que significa ser mulher, visando uma igualdade familiar e pessoal entre mulheres e homens. A proposta das teologias feministas é, portanto, a suspensão da transcendência metafísica abstrata e sua mudança à transcendência existente das experiências humanas. Tais esforços críticos das teologias feministas acrescentaram novos elementos que propunham uma nova sistematização por conta de explícitas violências religiosas e de dominação das consciências.⁴⁸

Tais mudanças de crenças religiosas têm a ver com as mudanças que são operadas nas relações em sociedade, que envolvem implicações sociais, políticas e culturais, podendo interferir inclusive nas crenças religiosas, conforme o exemplo de Maria em Betânia, segundo a reflexão de Bingemer:

A entrada da mulher no campo da teologia traz consigo uma nova maneira, um novo método para pensar e expressar. Entrando no campo da reflexão teológica com sua corporeidade própria e diferente, aberta a sempre novas e inovadoras inscrições, espaço disponível à invasão e à fecundação criadora, destinada a ser hospedeira e protetora da vida, a mulher revoluciona o próprio rigor e sistematicidade do método teológico. Sua presente irrupção no sisudo e racional mundo teológico masculino do passado é tão desconcertante e nova como a da mulher do evangelho de Jo 12,1-8, que invade a refeição que se cumpria dentro das mais estritas normas sociais e rituais judaicas com sua presença e seu perfume. Seguindo o impulso do desejo que lhe transbordava do coração, a mulher enche o espaço com um novo odor, que todos não podem deixar de sentir e respirar. Ainda que a primeira impressão que emerge seja de corpo estranho e não de integração de um elemento novo mal assimilado no conjunto, o modo feminino de fazer teologia vai encontrando seu lugar e fazendo seu caminho. À coragem de derramar o perfume da festa alheia sucede o momento em que o mesmo perfume derramado luta e entra em choque com os seculares odores que formam tradicionalmente o meio ambiente. O presente é feito dessa pluralidade de odores, algumas vezes aparentemente incompatíveis, muitas vezes conflitivos. Será preciso que o perfume raro e de alto preço da sensibilidade e do sentido da gratuidade femininos vá sendo lentamente assimilado e difundido para que toda a teologia respire um ar novo e purificado, recuperando suas raízes vitais e desejantes, seu sabor de gratuidade, de prazer, de boa nova, suas misteriosas e pacientes

⁴⁸ GEBARA, 2007, p.47.

dimensões partejadoras que transformam, dor em vida nova, sepultura em ressurreição.⁴⁹

Deste modo, a proposta de tal perspectiva, no processo *alterativo e libertador*, visa à libertação e à autonomia das mulheres não só nos aspectos filosóficos, políticos e sociais, mas também no âmbito dos debates teológicos e da vivência religiosa.

1.2.3 Alteridade

Partindo da leitura de Grolli,⁵⁰ onde a autora aborda a questão de gênero e Religião, almeja-se analisar, por meio de uma perspectiva crítica, social, política, filosófica e teológica, e descrever uma concepção do ministério feminino dentro das lideranças das Assembleias de Deus no Brasil. Esse trabalho parte do pressuposto de que esses conceitos foram essenciais no processo de emancipação humano-existencial no trabalho desenvolvido pelas mulheres na história do pentecostalismo brasileiro.

Alteridade, segundo Abbagnano, é: “Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”.⁵¹ Vem do latim *alter* = outro (diferente, oposto, contrário). Nesse sentido, a forma portuguesa *alterar* indica a troca de lugar de algo por *outro*; e a forma *alternativo* tem sentido de um depois do *outro*. Segundo Gaede Neto:

A alteridade do outro não é subordinação ao meu eu, mas o caminho da comunhão. O outro, com a sua presença, interpela-me ou chama-me a tomar uma atitude face à sua presença. Esta atitude deve ser essencialmente humana, ou seja, de respeito pelo fato de enquanto pessoa possuir um valor incondicional em si mesmo pela inviolabilidade e sacralidade da sua existência única que se irrompe no meu mundo. Aqui o respeito corresponde, sobretudo, à inviolabilidade do outro e é a atitude fundamental frente a ele. O respeito é a única atitude que torna verdadeiras as relações interpessoais. As relações interpessoais devem ser relações entre liberdades que se afirmam mutuamente sem a objetivação do outro e, por isso, que não se anulam. Numa relação autêntica o ser individual deixa de estar fechado em si mesmo e, quebrando os limites da individualidade, abre-se à alteridade pela interpelação. Daí que o ser quando atinge a plenitude, torne-se, ao mesmo tempo, solícito à causa do outro. A solícitude deve ser baseada numa relação viva que desperte para o sentido da responsabilidade mútua, de contrário pode ser um meio de objetivação do

⁴⁹ BINGEMER, M. C. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 56; LIBÂNEO; MURAD, 2007, p. 257.

⁵⁰ GROLLI, Dorilda. *Alteridade e Feminismo: uma abordagem filosófica de alteridade e feminismo na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos histórico-sociais no contexto latino-americano*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

⁵¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 35.

outro, tornando-o uma coisa que se pode manejar. O respeito pela alteridade é fundamental para a construção de um mundo humano, sendo que a vida humana é essencialmente convivência, ou seja, viver é conviver. A irrupção do outro no meu mundo pede-me sempre resposta e a sua presença não dá lugar à indiferença porque o próprio rosto é fundamentalmente um valor ético. A resposta do eu deve transformar-se em responsabilidade. Aqui há que entender responsabilidade com toda sua carga ética.⁵²

Porém, no mundo pós-moderno em que vivemos não se tem mais tempo para se preocupar com o *outro*, muito menos com os valores que são impostos por essa sociedade. Diante de tais desafios impostos pela pós-modernidade, como contribuir para a emancipação do ser humano de forma que se possa importar com a sensibilidade e a vida alheia?

Boff expõe que, diante desse novo quadro, deve-se emergir a uma nova sensibilidade e a um novo *ethos*, uma revolução possível nos tempos da globalização.⁵³ A proposta de Boff é a criação de um pacto ético, fundado na sensibilidade humanitária, inteligência emocional, expressa no *cuidado*, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade e compaixão, propondo uma prática histórico-social libertadora. Tal proposta ética não deve ter valor somente teórico, mas prático, de forma urgente e imediata. Como propõe Boff, trata-se de um *ethos* cuja inspiração dos valores e princípios que orientam-se às relações humanas com a natureza, sociedade, alteridade, consigo mesmo e com o transcendente existencial, Deus.

Qual seria então a saída para tal problema? Algo comum, global, compreensível e viável para todas as pessoas, inclusive para o planeta. Tal ética seria o consenso mínimo entre os humanos, já que tal proposta ética é o bem comum para todas as pessoas, inclusive para a natureza.

Essas indagações apontam para as seguintes questões: o que tem regido nossos governantes: razões éticas ou razões políticas? Como a liderança religiosa tem governado as instituições religiosas, diante desses novos desafios? “A saída [...] é encontrar uma nova base de mudança necessária. Essa base deveria apoiar-se

⁵² GAEDE NETO, Rodolfo. São Leopoldo. *Alteridade*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2013. 27 slides, color.

⁵³ BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 16-17.

em algo que fosse realmente comum e global, de fácil compreensão e realmente viável”.⁵⁴

A ética é, antes de mais nada, a capacidade de protegermos a dignidade da vida coletiva. Afinal de contas, nós, homens e mulheres, vivemos todas juntas. Para os seres humanos não existe vivência, existe apenas convivência. As pessoas são humanas por conta dos outros humanos. A humanidade é compartilhada. Ser humano é ser junto ao *outro mediatizados pelo mundo*.⁵⁵ Isso significa que é preciso saber que a convivência exige uma noção especial de igualdade de existência, o que obriga a afastar do ponto de partida qualquer forma de arrogância. Esta visão de alteridade é a capacidade de ver a *outra* como *outra* e não como estranha.⁵⁶

Pessoas arrogantes são incapazes de prestar atenção no *outro*, afirma Cortella.⁵⁷ A perspectiva ética obriga a perceber essa multiplicidade de pontos de vista. A pessoa arrogante acha que só tem um ponto de vista que vale: o seu. A visão de alteridade é ver a *outra* como *outra*, e não como estranha, pois a fratura ética se origina, em grande parte, da arrogância e da ganância. Ganância e arrogância são mecanismos de decadência ética.⁵⁸

Cavalcante chama à atenção para o fato de que a espiritualidade deveria proporcionar uma consciência política, uma preocupação com o *outro*, conforme ele descreve:

[...] a arte de amar nas ações comunitárias, na alteridade da presença confortadora e apoiadora junto aos que sofrem, nos atos coletivos que almejam a superação de privações e a promoção do bem-comum, no exercício responsável da cidadania, nos órgãos de classe, nos clubes de serviço, nos partidos políticos, crendo na possibilidade de reconstruir o mundo, crescendo a nossa humanidade no crescimento da consciência e na vivência de valores.⁵⁹

A ética fundada no amor se constitui na percepção, no zelo e no *cuidado* da *outridade*. É no encontro com essa *outridade* que a ética cristã se torna concreta.

⁵⁴ BOFF, 2003, p. 16.

⁵⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 39.

⁵⁶ CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?:* inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 117.

⁵⁷ CORTELLA, 2010, p. 118.

⁵⁸ CORTELLA, 2010, p. 119-120.

⁵⁹ CAVALCANTE, Robinson. Disponível em: <<http://www.dar.org.br/bispo/50-artigos/1460-espiritualidade-e-consciencia-politica-forum-cristao-de-profissionais.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

Visando o bem estar do *outro*, a ética cristã se propõe a um grande desafio: apresentar um modelo ético de vida pelo qual os seres humanos superem a si mesmos na busca de uma vivência pacífica e amorosa, inclusive entre homens e mulheres.

Grenz afirma que a existência humana implica na busca da moral e só a vida ética é que pode proporcionar o viver bem em sociedade, pois, através da razão, o indivíduo promove o seu próprio bem-estar, humanizando-se e proporcionando a fruição do viver bem.⁶⁰

Toda religião, deste modo, visa transformar moralmente seus adeptos harmonizando a conduta dos indivíduos em comunidade. O cristianismo como religião não é diferente. Ele busca identificar esses valores e difundi-los, a fim de que possam ser cultivados por todos/as seus/suas fiéis, buscando assim uma transformação moral e espiritual, conseqüentemente uma transformação não só teórica mas também prática.

O cristianismo busca o “dever ser”, um modelo conseqüente para a vida em sociedade. Nesta busca de um “dever ser”, ele apresenta um conjunto de normas e leis, uma proposta moral que possa orientar a conduta dos indivíduos aderentes a tal noção moral e ética. Essa normatividade só será possível, extrai-se das Escrituras, ao passo em que o temor e tremor do Senhor se tornar medida de respeito pela criação de Deus.

Porém, o egocentrismo e a lógica da sociedade de mercado têm predominado atualmente nas relações entre os seres humanos. O que se observa são a multiplicação e disseminação das manifestações de ódio, exploração, destruição e, sobretudo, a desvalorização da pessoa humana. A partir do momento em que o ser humano se aproxima de Deus, ele passa por uma reforma ética a partir dos princípios cristãos, ele muda seus valores. E mudando os valores ele muda o seu comportamento, não só interna mas também externamente, ou seja, não só no relacionamento com Deus, mas consigo mesmo e com o próximo.

Se não houver um acordo entre as regras morais do indivíduo, que norteiem o seu viver em sociedade, pode haver um conflito interior que desarmonize toda a sua conduta. Tal sujeito moral pode gerar grandes conflitos no meio social em que

⁶⁰ GRENZ, Stanley J. *A busca da moral: fundamentos ética cristã*. São Paulo: Vida, 2006. p. 61.

convive, prejudicando os que estão ao seu redor. De acordo com Lewis, esta “harmonia interior” é um ideal que o cristianismo se propõe a alcançar, e que deveria nortear o indivíduo a viver bem em sociedade.⁶¹

O cristianismo busca através dos fundamentos de sua moral “normatizar” a conduta de seus/suas adeptos/as, restaurando o relacionamento destes primeiramente com Deus. Isso proporciona uma mudança nas suas condutas e, assim, inevitavelmente de uns para com *outros*.

A ética cristã não visa alienar, manipular ou controlar o indivíduo em suas ações ou condutas, mas administrar, direcionar e conduzir o indivíduo em sua vida em particular e em sociedade. Segundo Lewis, a humanidade é comparada a uma banda de música, que, para ter sucesso, é preciso que todos os seus instrumentos estejam bem afinados e sejam tocados no momento certo para se harmonizar com os demais. Assim, a ética parece se relacionar a três coisas:

Primeiro, com a justiça e a harmonia entre os homens. Segundo, com o que se poderia chamar de uma arrumação e harmonização das coisas no interior de cada um. Terceiro, com o objetivo moral da vida humana como um todo, com o fim para qual o homem foi criado.⁶²

Portanto, seguindo Morin, a ética cristã não propõe:

[...] a soberania da razão, o que seria loucura, mas a soberania do diálogo em que racionalidade, amor e poesia estão sempre presentes e ativos. Visa a uma sabedoria que não reside na impossível vida racional, mas na auto-elucidação e na compreensão. Não comanda, pilota a paixão. A ética complexa não pode e nem deve sufocar os nossos demônios, mas, como piloto de lançamento, guia a liberação energética deles. [...] Não é triunfante, mas resistente. Resiste ao ódio, à incompreensão, à mentira, à barbárie, à crueldade [...].⁶³

Poder-se-ia acrescentar que a ética cristã é o modelo ético de resistência às mazelas do mundo como corrupção, arrogância humana e o desejo de assumir o lugar de Deus. Assim, tal proposta ética não se perde nos devaneios da razão, mas apresenta referências concretas para a ação humana, para hoje, aqui e agora, e não para o além.

⁶¹ LEWIS, C. S. *A Essência do Cristianismo Autêntico*. São Paulo: ABU, 1979. p. 39.

⁶² LEWIS, 1979, p. 39.

⁶³ MORIN, Edgar. *O Método. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005. p. 197.

Portanto, a proposta do feminismo é a de um movimento social emancipatório, com os objetivos de “[...] ir além do sufrágio e de campanhas pela moral e pureza social buscando uma determinação intelectual, política e sexual. O objetivo [...] era um equilíbrio entre as necessidades de amor e de realização, individual e política [...]”.⁶⁴ Tal tomada de consciência das mulheres, como coletivo humano, a respeito da opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos por parte do coletivo de homens é que movimenta essa busca de liberdade e transformações da sociedade como filosofia política e como movimento social.⁶⁵ É a busca do fazer e do pensar, dentro de uma teoria política e de uma prática social, que consiste em uma capacidade emancipatória e de uma tomada de consciência crítica de que, muitas vezes, o masculino é confundido com o universal.

⁶⁴ GARCIA, 2011. p. 13.

⁶⁵ GARCIA, 2011, p. 13.

2 FRIDA VINGREN E RUTH DORIS LEMOS: MULHERES QUE FIZERAM A HISTÓRIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL

A relevância das mulheres na história das Assembleias de Deus no Brasil é incontestável. São milhares de mulheres que atuaram desde a fundação, consolidação, expansão e conquistas de tal denominação evangélica. Elas estão espalhadas pelo Brasil em plena militância na promulgação do Evangelho do Senhor Jesus, atuando de acordo com o lema da denominação: “Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará”.⁶⁶

Algumas são mencionadas nos anais da história desta denominação. Outras são esquecidas nos encostos e beiradões desses brasis. Muitas poderiam estar presentes nessa pesquisa, porém as duas escolhidas estão destacadas pela participação na Fundação das Assembleias de Deus no Brasil, na figura de Frida Vingren, e pela participação na formação e na qualificação dos obreiros da instituição, na figura de Ruth Doris Lemos.

A história da atuação feminina nas Assembleias de Deus no Brasil revela que as mulheres participaram de maneira fundamental desde o início e participam até os dias de hoje na realização, na direção e na gestão da igreja. Esse trabalho é exercido por meio de várias funções eclesiais como oração, ministração do louvor, limpeza, organização, evangelismo, utilização dos dons espirituais, como profecias, a glossolalia,⁶⁷ o ensino, as missões, as obras sociais, auxílio e, muitas vezes, direção dos trabalhos administrativos. A única função vedada às mulheres é o exercício pastoral formal.

⁶⁶ A origem do lema “Jesus salva, cura, batiza com Espírito Santo e em breve voltará”. *Jornal Mensageiro da paz*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), jun, 2011. p. 21.

⁶⁷ Falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo. Prática de falar línguas (At 2; 1 Co 12; 14). Alguns cristãos a consideram um dom do Espírito Santo a ser praticado ainda hoje (ERICKSON, Millard J. *Dicionário popular de teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 87). De um composto grego que significa “falar em línguas” (*laleo*, “falar”, e *glossa*, “língua”). A glossolalia, capacidade sobrenatural de falar numa língua até então desconhecida do falante, é registrada pela primeira vez na Bíblia no Dia de Pentecostes (At 2). Posteriormente o apóstolo Paulo se referiu à glossolalia como dom especial do Espírito, concedido a alguns cristãos, devendo ser praticado para a edificação da igreja. Durante toda a história da igreja tem havido constantes debates sobre a verdadeira glossolalia: ou cessou no final da era apostólica, ou continua sendo dom legítimo que deve ser praticado em nossos dias. (GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 2001. p. 62).

2.1 O pentecostalismo assembleiano brasileiro: alguns apontamentos

O Pentecostalismo brasileiro ficou conhecido pela sua capacidade de crescimento e, ao mesmo tempo, de fragmentação. Assumiu culturas, tendências e se adaptou aos muitos contextos brasileiros. Ao se falar de pentecostalismo assembleiano, nota-se a necessidade de sempre se falar no plural, pentecostalismos. Essa fragmentação se deu pelo dinamismo de tal movimento e pelos conflitos entre as lideranças eclesiais, já que a forma de gestão desta igreja se dá por meio do povo.⁶⁸ A história do pentecostalismo brasileiro se divide em três períodos ou, como descrevem os especialistas, em três ondas distintas:

[...] O período clássico, ou primeira onda, em torno de 1910 a 1950, enfatizou principalmente o segundo batismo no Espírito Santo após a conversão, o falar em línguas e o uso e costumes. A Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil são as maiores denominações que vieram desse período e, atualmente, são as duas maiores denominações evangélicas do país. A segunda onda, embora construída sobre a onda anterior, diferiu por focalizar a cura divina, mostrando um forte interesse em demônios e exorcismo, e reduzindo os rígidos usos e costumes na maioria dos casos. A Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Igreja Pentecostal Deus É Amor são os grupos mais relevantes provenientes desse período [...] O neopentecostalismo, a atual terceira onda, começou em 1977 com o início da Igreja Universal do Reino de Deus.⁶⁹

A formação protestante brasileira se deu, majoritariamente, através da imigração, vinculada a questões predominantemente étnicas e no contexto do desenvolvimento da nação brasileira. As primeiras manifestações do protestantismo histórico foram seguidas por articulações do protestantismo de missão, e, em seguida pelo pentecostalismo, e, mais recentemente, pelo neopentecostalismo.⁷⁰

A *primeira onda* do pentecostalismo brasileiro, com ênfase no Batismo com o Espírito Santo,⁷¹ teve uma conotação bem distinta do protestantismo que se concentrou no acompanhamento do imigrante europeu marginal. Tinha uma

⁶⁸ ALENCAR, Gedeon. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

⁶⁹ BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 58.

⁷⁰ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 26.

⁷¹ Batismo com o Espírito Santo: bênção que, segundo João Batista, acompanharia o ministério de Jesus (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16). Ocorreu no Pentecostes, e Lucas interpretou como o cumprimento de Joel 2.28-32 (cf. At 2.16-21). Alguns ensinam que esse batismo é um ato especial do Espírito Santo, posterior à regeneração; outros, à luz de 1 Coríntios 12.13, creem que todas as pessoas regeneradas passaram por esse batismo. ERICKSON, 2011, p. 23.

mensagem de pobres para pobres e incultos e não um tom modernizante, pois surgiu entre os negros nos Estados Unidos da América. Tal discurso, mediado pelos imigrantes, também pobres e marginalizados, atingiu os pobres e marginalizados brasileiros. Daniel Berg e Gunnar Vingren alcançaram, na maioria, ex-escravos e seus descendentes, nordestinos e seringueiros desempregados, que voltavam aos seus municípios de origem com a mensagem pentecostal que atingiu todo o país em menos de 20 anos.

No seu início, foi bem homogêneo, o pentecostalismo acabou sendo construído com uma liderança forjada não em instituições de ensino, com uma teologia importada, mas na própria prática eclesial com muita pobreza e perseguição. O pentecostalismo, com uma tendência teológica nascida do fundamentalismo religioso, não tem esperança ou boa vontade para com o mundo já que enfatiza uma tendência escatológica em sua doutrina.⁷²

A expansão pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil se deu por meio de um trabalho liderado por leigos, motivado pelo fenômeno urbano, com características da marginalidade social e eclesial. Conforme as ideias clássicas sobre a religião no século XX, alguns elementos constituíram-se primordiais para a expansão e o crescimento do pentecostalismo no Brasil. Com o carisma e a simplicidade da mensagem levada por seus/suas adeptos/as, o acolhimento dos/as deserdados/as e os marginalizados da sociedade, os pentecostais começaram a fortalecer tal movimento que se deu com pouca fundamentação bíblica, mas uma reorganização, um ajuste urbano.

Tal movimento se deu por conta da urbanização e da migração da zona rural às zonas urbanas. Provocando a quebra de paradigmas que precisariam ser ultrapassados e problematizados, conforme apresenta Alencar, antinomias igreja-seita, pobre-rico, racional-místico.⁷³ Duas características fundamentais marcaram o movimento pentecostal como algo novo, que visava responder à procura de forma adequada: um movimento que nasce frente a uma sociedade cada vez mais urbana; e ser, ainda em seu início, um fenômeno inter-racial.

Conforme Alencar, o surgimento e o crescimento do pentecostalismo foi motivado pelo fenômeno urbano, caracterizado pela marginalidade, social e

⁷² ALENCAR, 2005, p. 45-47.

⁷³ ALENCAR, 2010.

eclesiástica, dos mesmos que o iniciaram. Este movimento deu voz e poder àquelas que, na igreja, e também na sociedade, especialmente as mulheres, eram destituídas desta autonomia, o livre acesso aos textos sagrados das Escrituras, a glossolalia, a aproximação e o contato direto com o divino, a gestão autônoma de bens simbólicos, que eram formas de empoderamento.⁷⁴

O primeiro movimento de implantação da Assembleia de Deus nasceu com características fortemente sectárias, segundo o que descreve Alencar, baseado na perspectiva de Weber e Troeltsch.⁷⁵ A Assembleia de Deus já nasceu de uma dissidência da Igreja Batista de Belém, definindo-se como única portadora de adesões voluntárias, evidenciou a “experiência do sagrado selvagem”, eximindo-se de qualquer institucionalização ou normatização. Por meio da adesão do carisma como “padrão e norma” de gestão eclesiástica, a Assembleia de Deus desenvolveu a “síndrome de marginal”, como um movimento marginal às instituições religiosas tradicionais, que alimentavam certa “aversão ao mundo”, à cultura secular e à participação na sociedade, com a justificativa da escatologia iminente e a teologia milenarista.

Daniel Berg e Gunnar Vingrem substituíram o pastor batista local, inicialmente em pequenas reuniões de oração. Estas tinham como característica principal a glossolalia, adotada pelo pequeno grupo formado de pessoas excluídas da Igreja Batista. Conforme descreve Conde:

Após empolgantes acontecimentos que duraram exatamente dez dias, o pequeno grupo, no dia 18 de junho de 1911, convidou Daniel Berg e Gunnar Vingrem a comparecerem à Rua Siqueira Mendes, 67, em Belém. Com estas 17 pessoas, expulsas arbitrariamente da Igreja Batista, funda-se a Assembleia de Deus que, nas décadas seguintes, causaria admiração e espanto ao mundo inteiro pela pujança de seu crescimento. Em tudo isso pode-se notar a mão de Deus operando através de homens e mulheres humildes. Como se vê, esta obra não pertence a homem algum, mas a Deus somente. A nova igreja estava livre para evangelizar. E, ousadamente, anunciava a salvação, a cura divina, o batismo com o Espírito Santo e a volta de Jesus Cristo para buscar sua Igreja. Estavam todos cheios do poder de Deus. Em resposta às suas orações, o Senhor operava sinais e maravilhas. Vivificando cada testemunho e sermão, o Espírito Santo convencia os mais vis pecadores.⁷⁶

⁷⁴ ALENCAR, 2010.

⁷⁵ ALENCAR, 2010.

⁷⁶ CONDE, Emílio. *Histórias das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 37-38.

Tal grupo iniciou com o nome de Missão da Fé Apostólica, e sem nenhum aporte institucional cresceu espantosamente. Crescimento devido, principalmente, ao fim do ciclo da borracha, que proporcionou o retorno de tais famílias para o nordeste e sudeste do país, iniciando pequenas comunidades que resultaram em uma expansão aleatória e não planejada, devida principalmente a pessoas autônomas, leigas, que estavam à margem da sociedade.⁷⁷

A falta de orientação de uma liderança que norteasse o modelo gestacional de uma instituição resultou em um crescimento sem um padrão. A transição da liderança estrangeira para uma liderança brasileira se iniciou como uma disputa de poder entre as lideranças suecas e brasileiras, e a principal questão do movimento, o processo de institucionalização do movimento em uma igreja.

Os conflitos de poder entre as lideranças suecas e brasileiras, e com mais um grupo de americanos, que interveio em tal disputa, evidenciam-se com maior tensão com o processo de institucionalização da igreja, entre o período de 1930 e 1949. Daí ser possível afirmar que as principais raízes da Assembleia de Deus no Brasil não são a igreja homônima norte-americana, organizada a partir de uma confederação de igrejas pentecostais de brancos naquele país. Assim, conforme Campos, a expansão pentecostal foi um trabalho liderado por leigos, um “pentecostalismo autônomo”, e sua propagação dependia muito mais dos esforços laicos e livres das organizações missionárias, que quase sempre eram pressionadas pelas burocracias clericais.⁷⁸

A influência da igreja Filadélfia de Estocolmo, na Suécia, na Assembleia de Deus brasileira se deu até a década de 1930, devido, principalmente, à influência financeira. Por conta dessa dependência, tentava-se dominar as decisões de gerência desta igreja. A liderança brasileira, no entanto, era gerida de forma diferente, pois se dava por meio do carisma e não por meio da lei, visto que o domínio carismático era um dos principais fatores no âmbito gestacional.⁷⁹

⁷⁷ ALENCAR, 2010, p. 64-65.

⁷⁸ CAMPOS, Leonildo Silveira apud ALENCAR, Gedeon. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000. p. 15.

⁷⁹ ALENCAR, 2010, p. 16.

A partir daí, a denominação sofreu um fracionamento em ministérios distintos, geridos pelos “donos carismáticos vitalícios”.⁸⁰ Ocorreu a “afinidade eletiva” entre o coronelismo nordestino e o fracionamento da igreja em pequenos ou grandes feudos, com representações em ministérios distintos. Tudo isso pautado em um *ethos* espontaneísta e gestões com ênfase no carisma.

Assim, iniciou-se um processo de institucionalização e luta pelo poder que gerou uma crise de identidade por causa das influências suecas e americanas. Não existia uma identidade brasileira até então, mas sim um grupo social sem definição e com problemas estruturais próprios desse tipo de organização e época. Iniciou-se um processo de “pentecostalidade fundante” influenciado por fatores sociais, políticos e econômicos.⁸¹

A Convenção de 1930, convocada pelos brasileiros contra a vontade dos suecos, teve como pano de fundo a disputa pelo poder entre brasileiros, os quais visavam uma organização nacional, e os suecos, que visavam um congregacionalismo na direção da igreja.

Politicamente, numa época em que apenas os homens votavam e eram votados, a AD apenas seguiu o modelo de liderança masculina. Aliás, algo comum em todas as igrejas protestantes e católicas. E nisto, mais uma vez, o assembleianismo brasileiro se distanciou do pentecostalismo e do assembleianismo norte-americano. Lá, desde o início, as mulheres exerceram liderança. Aqui, nunca (apesar da tentativa de Frida Vingren, de acordo com o que dizem a respeito dela).⁸²

Sob a sombra de Frida Vingren, a Convenção definiu que, somente de forma excepcional, as mulheres poderiam assumir funções pastorais, marcando um alargamento do poder dos brasileiros na Assembleia de Deus no Brasil. Gradualmente, os suecos foram sendo substituídos do poder decisório na igreja, resultando no fracionamento e nas definições de ministérios, como feudos loteados pelas lideranças carismáticas que agregavam em torno de si congregações mais periféricas, ficando a elas subordinadas.⁸³

A oficialização da igreja se deu em ministérios (feudos), os quais impunham seu estilo, sua doutrina e seu poder em meio a conflitos internos. Seu crescimento

⁸⁰ ALENCAR, 2010, p. 49.

⁸¹ ALENCAR, 2010, p. 50.

⁸² ALENCAR, 2010, p.109.

⁸³ ALENCAR, 2010, p.123-125.

se deveu à facilidade com que ela se acomodou à cultura brasileira, pelo êxodo rural, pela vinda de nordestinos para o sudeste do Brasil e sua inserção no campo da política.

2.2 A história de Frida Vingren e a fundação das Assembleias de Deus no Brasil

Frida Vingren nasceu em 9 de junho de 1891 em Själev, Västernorrlands, região norte da Suécia. Era filha de Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin e tinha vários irmãos. Formada em enfermagem, foi chefe de enfermagem no hospital onde trabalhou e dedicou-se à arte fotográfica. O pai e a mãe eram luteranos. Tornou-se membro da Igreja Filadélfia de Estocolmo, igreja com a qual cooperava no serviço. Foi ordenada missionária e ensinadora da Bíblia, em 1917, nessa comunidade.⁸⁴

Impulsionada para o campo missionário, ingressou em um curso bíblico de oito meses no Instituto Bíblico, na cidade de Götabro, província de Närke. Logo após a revelação de que Gunnar Vingren deveria viajar para o Pará, Frida e Gunnar Vingren começaram a orar juntos pedindo confirmação de Deus para a chamada missionária ao Brasil.⁸⁵

Frida estava sendo enviada como missionária, pela igreja Filadélfia, em Estocolmo, com o objetivo principal de evangelismo e ensino no campo missionário. Após cinco anos de atividades missionárias, encontrou-se com Gunnar Vingren na Suécia. Sua principal tarefa, a princípio, era a de professora de estudos da Bíblia. Antes de voltar ao Brasil, encontrou-se com Gunnar Vingren nos Estados Unidos, no dia 12 de junho de 1917. No dia 16 de outubro de 1917, ocorreu o casamento de Frida e Gunnar Vingren. Ele tinha 38 anos de idade e ela 26.⁸⁶

Os fatores mais difíceis de superar na chegada ao Brasil foram o clima, as dificuldades com a moradia e a alimentação, pois Gunnar e Frida não estavam habituados ao clima quente dos trópicos. Tal questão influenciou na saúde do casal, pois não estavam acostumados com os gêneros alimentícios do Brasil, e, muitas vezes, por causa da dificuldade do idioma e falta de apoio à missão, não dispunham

⁸⁴ ARAÚJO, 2011, p. 37.

⁸⁵ ARAÚJO, 2011, p. 37.

⁸⁶ ARAÚJO, 2011, p. 38.

de outro meio de renda, chegando a comer, inúmeras vezes, somente banana com farinha.⁸⁷

Em março de 1920, a situação se complicou ainda mais com a contaminação por malária e o esgotamento físico de Frida Vingren, chegando ao ponto de estar entre a vida e a morte. Por esse motivo, fizeram o primeiro retorno à Suécia em 1921, visando uma recuperação do vigor físico e da saúde do casal.⁸⁸

Quando regressaram ao Brasil, depois de sete anos no estado do Pará, o casal foi transferido para o Rio de Janeiro. Logo em seguida inauguraram o primeiro templo das Assembleias de Deus no Rio de Janeiro, proporcionando atividades evangelísticas que viabilizaram a abertura de novos templos. Frida, nesse período, já estava atuando nas atividades da igreja, como atividades evangelísticas, leitura bíblica, direção do grupo de oração, grupo de visitas, direção da Escola Bíblica Dominical e direção de alguns cultos.

Assim como no caso de Frida, é importante notar a presença das mulheres na direção dos cultos e na pregação bíblica, apesar de não terem a função eclesiástica reconhecida estatutariamente. A história narra que as mulheres foram fundamentais no início da fundação, formação e expansão das Assembleias de Deus no Brasil. Portanto, não se pode ignorar a questão do ministério feminino na igreja. Os relatos históricos descrevem as mulheres atuando dinamicamente no ministério do ensino e da proclamação do evangelho. E, além disso, a participação da produção de textos publicados nos primeiros anos da igreja demonstra a capacidade das mulheres para a palavra escrita, e não somente nas atividades práticas.

Frida ainda colaborou com a composição de 24 hinos que são encontrados na Harpa Cristã. Tinha um temperamento enérgico em tudo, o que teria contribuído, por diversas vezes, para que ela tomasse atitudes que desagradavam a muitos, provocando um ressentimento por parte dos pastores brasileiros. Algumas versões históricas, de origem assembleiana, concebem a posição de Frida Vingren como uma companheira fiel de Gunnar Vingren; já outras versões esposam uma visão de claros tons misóginos sobre sua postura, a qual seria "autoritária" e "metida",

⁸⁷ Pó obtido com a moagem de mandioca.

⁸⁸ ARAÚJO, 2011, p. 39.

dirigindo a igreja na ausência do marido, e, segundo alguns, também na presença deste, vindo a falecer enquanto internada em um hospício.⁸⁹

Por conta de complicações de saúde, não muito divulgadas, Frida e Gunnar tiveram que voltar para a Suécia, no dia 16 de setembro de 1932. Viajaram a bordo de um navio, estando Gunnar gravemente enfermo. Foram para um hotel em Estocolmo, no Sul da Suécia, gerenciado pelos pastores que os enviaram ao Brasil. Logo em seguida, Frida perdeu seu esposo. Mesmo assim, na despedida do Brasil não se arrepende, como ela mesma descreve:

[...] Sim, as lembranças vêm com impetuosidade sobre mim, e sinto-me profundamente emocionada [...] Acompanhando todo o seu sofrimento, eu tinha o pressentimento de que sua partida ia acontecer em breve. Agora sei que somente Jesus poderá me ajudar a suportar essa separação. Não faz ainda um ano que enterrei minha filhinha Gunvor em solo brasileiro [...] É tanto com alegria, como com profunda dor que escrevo sobre os últimos momentos do meu querido esposo e a sua partida. Ele não está mais conosco; partiu para estar com o Senhor.⁹⁰

Consequentemente, dois anos depois, ela adoeceu gravemente de uma enfermidade que a fez sofrer por cinco anos. Em pouco tempo, no espaço curto de um ano, Frida perdeu sua filha e seu marido, questões que lhe abateram a alma, fazendo-a sofrer muito mais até falecer em Estocolmo, vítima de câncer, em 30 de setembro de 1940.⁹¹

2.3 Frida Vingren e o debate sobre ordenação de mulheres

A fundação da Assembleia de Deus ocorreu em 18 de junho de 1911 por dezoito pessoas. Segundo Isael Araújo, dez dessas pessoas eram mulheres, ou seja, 55% do grupo fundador.⁹² Quase todas as mulheres vindas da Suécia, no período de 1910 a 1930, foram ordenadas evangelistas, com destaque para Frida Vingren.

No ano de 1930, na quinta Convenção Geral das Assembleias de Deus, foi efetuada a “entrega” do trabalho pelos suecos aos brasileiros e discutido o Ministério

⁸⁹ ALENCAR, 2010, p. 187.

⁹⁰ VINGREN, Frida. In: VINGREN, 2011, p. 236.

⁹¹ ARAÚJO, 2011, p. 41.

⁹² ARAÚJO, Isael de. *100 Mulheres que fizeram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 9.

Feminino, com a presença de dezesseis pastores.⁹³ O debate sobre o trabalho feminino foi um dos principais temas abordados naquela convenção. O tema foi defendido por um dos fundadores da Assembleia de Deus, Gunnar Vingren, que havia separado Emília Costa como a primeira diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil, no Rio de Janeiro, gerando certo desconforto entre os líderes assembleianos.⁹⁴ Houve conflito com Samuel Nyström, que se opôs à proposta. Houve divergência entre os convencionais a respeito do tema a respeito da ordenação de mulheres ao ministério pastoral, pois as pregadoras da convenção eram Frida Vingren e Adina Nelson, a última esposa do missionário Otto Nelson.

O debate se estendeu e Frida Vingren, depois de ser advertida por Samuel Nyström, por meio de uma carta que expunha sua posição contrária a respeito de tal tema, resolveu, no mesmo dia, no culto à noite, realçar sua posição pregando com o seguinte tema: “Concernente aos dons espirituais e ao direito de a mulher falar na igreja”.⁹⁵ O assunto gerou um conflito, pois Samuel Nyström não concordava que as mulheres pudessem pregar, muito menos ensinar na igreja, somente testificar, ou seja, testemunhar. Esse debate resultou em tensões entre Samuel Nyström e Gunnar Vingren, uma vez que Nyström afirmava não ser bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar. Porém, Vingren matinha sua posição afirmando que

[...] o Senhor chamou homens e mulheres para o serviço do evangelho, para ganhar almas e testificar do seu amor. [...] Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos Estados Unidos e me instruiu sobre o batismo no Espírito Santo. Também quem orou por mim para eu receber a promessa foram irmãs [...].⁹⁶

Apesar das divergências, Nyström e Vingren continuaram trabalhando juntos até Vingren partir para a Suécia, onde faleceu. A história relata que, apesar da posição contrária de Nyström, isso não o impediu de trabalhar com uma mulher,⁹⁷ conforme ele próprio descreve em uma carta: “A irmã Frida Vingren e eu

⁹³ ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. p. 118.

⁹⁴ ARAÚJO, 2011, p.10.

⁹⁵ ARAÚJO, 2011, p.10.

⁹⁶ VINGREN apud ARAÚJO, 2011, p. 11.

⁹⁷ ARAÚJO, 2011, p. 12.

trabalhávamos em colaboração. Muitos foram salvos e batizados nas águas e Jesus continuava batizando no Espírito Santo”,⁹⁸ continua ele assim:

Algumas dificuldades haviam surgido quanto à direção do trabalho. Não era de admirar que houvesse aparecido divergências, uma vez que os irmãos brasileiros possuíam opiniões e experiências diferentes. Embora os obreiros nacionais tivessem sido muito abençoados pelo Senhor na sua chamada e tarefa, haviam surgido dificuldades que se acentuaram quando a responsabilidade do trabalho foi sendo transferida, paulatinamente, dos missionários para os obreiros brasileiros, apesar de a obra ter sido realizada com plena compreensão e harmonia entre as partes.⁹⁹

Na Convenção Geral de 1930, foi homologada a declaração sobre o “ministério da mulher”, que afirmava que elas tinham o direito de participar na obra evangelística e no ensino, quando necessário, mas sem exercer a função de pastora de uma igreja ou na área de ensino, salvo em casos excepcionais, conforme Mateus 12.3-8.¹⁰⁰

No jornal Mensageiro da Paz,¹⁰¹ Ano I, n. 3, de 1º de Fevereiro de 1931, um ano depois da convenção, foi publicado um texto de Frida Vingren com o título: “Deus mobilizando suas tropas”. O objetivo do artigo era convocar as assembleianas a não aceitarem passivamente a decisão imposta pela Convenção Geral.¹⁰² Frida foi proibida de pregar e ensinar na igreja, porém continuou determinada manifestando-se contra as decisões que restringiam o ministério feminino, conforme ela relata em seu texto:

⁹⁸ VINGREN *apud* ARAÚJO, 2011, p. 12.

⁹⁹ VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 161.

¹⁰⁰ VINGREN *apud* ARAÚJO, 2011, p. 12.

¹⁰¹ O Jornal Mensageiro da Paz começa a circular na década de 30. Em 1940, o presidente Getúlio Vargas exigiu, através de um decreto, que todos os jornais fossem registrados no Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), órgão que regulava a imprensa. O decreto estabelecia também que somente entidades com personalidade jurídica poderiam possuir jornais. Visto isso, para não ter que interromper a veiculação do jornal MP, o missionário Samuel Nyström, então pastor da AD de São Cristóvão (RJ), pediu ao presbítero Lauro Soares que providenciasse a elaboração de um estatuto de uma Casa Publicadora e que fizesse o seu devido registro em cartório. Feito isso, nasceu a CPAD que se tornou a proprietária do Mensageiro da Paz. No ano de 1946, a gráfica que imprimia o jornal MP estava para ser desapropriada. Por esse motivo, a CGADB lançou a “Campanha do Milhão” em favor da Casa para a aquisição de uma máquina tipográfica. Outra medida tomada pela Convenção Geral foi o estabelecimento do dia 7 de setembro de cada ano como o “Dia da Casa Publicadora”, ocasião em que as Assembleias de Deus de todo o país recolham ofertas especiais para a CPAD. Foi isso que fez com que por muitos anos a editora pudesse se manter, apesar das muitas demandas e dificuldades que foram surgindo. Em janeiro de 1949, o Mensageiro da Paz passou a ser impresso pela editora em suas próprias impressoras. Disponível em: <<http://www.centenarioadbrasil.org.br/historia.php?s=5&i=71>>. Acesso em: 14 jun.14.

¹⁰² ARAÚJO, 2011, p.12.

Despertemo-nos, para atender o chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As irmãs das “assembléias de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e, portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos pecadores precisam convencer-se que precisam fazer mais do que tratar dos deveres domésticos. Sim, podem também, quando chamadas pelo Espírito Santo, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, país pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existe um grande número de irmãs evangelistas, que saem por toda parte anunciando o Evangelho, entrando em lugares novos e trabalhando exclusivamente no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o pastor Lewi Pethrus falar desse assunto sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras não de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do estado de Minas Gerais, as quais tinha se alistado para a luta.¹⁰³

O ano de 1946, segundo Gedeon Alencar, marca a maioria da Igreja Assembleia de Deus no Brasil.¹⁰⁴ Essa avaliação está baseada na expansão nacional e na mudança de comando da Igreja que passou para o comando de lideranças brasileiras atreladas à materialização de um órgão de imprensa próprio e oficial, no âmbito nacional, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD).

Em 1980 e 1990, conforme Araújo, várias igrejas, congregações locais, passaram a ordenar mulheres para o cargo de diaconisas, e em alguns casos até para dirigir congregações.¹⁰⁵ Nesse contexto, o tema também voltou a ocupar as assembleias convencionais da Convenção Geral das Assembleias de Deus. Em 1983, o tema foi rejeitado por unanimidade pelos convencionais. O tema foi novamente levantado em 2001, na Convenção de Brasília, onde mais uma vez foi rejeitado.

Apesar da rejeição da ordenação feminina, independentemente de cargos e títulos, as mulheres têm sido essenciais no desenvolvimento e expansão das Assembleias de Deus no Brasil. Sua contribuição não pode ser negligenciada apesar das opiniões divergentes a respeito da ordenação feminina. É evidente a contribuição que as mulheres têm dado a igreja desde a sua fundação.

O contexto histórico da época é um período de forte dominação patriarcal. O contexto assembleiano estava impregnado pela sociedade que impunha um

¹⁰³ MENSAGEIRO DA PAZ, 1º fev. 1931, p. 6.

¹⁰⁴ ALENCAR, 2010, p. 51.

¹⁰⁵ ARAUJO, 2011, p.13.

autoritarismo na liderança da igreja. A liderança acabava de passar por um período transitório do comando e liderança dos suecos para as mãos dos brasileiros, “os caciques” e mandantes que impunham seus estilos e modelos na gerência desta igreja, conforme Alencar.¹⁰⁶ Isso resultou em influência decisiva da rejeição do ministério ordenado feminino.

Apesar de todo o esforço e empenho, Frida foi incompreendida e demasiadamente criticada. Mas apesar de tudo isso, as críticas não podem apagar a história. Frida Vingren foi uma mulher que, apesar de não ocupar um cargo institucionalmente legitimado, desempenhou um papel fundamental na origem, na implantação e na militância da denominação religiosa, conforme ela demonstra em uma carta de despedida do Brasil, logo após perder seu esposo:

Peço as vossas orações por mim, para que o Senhor me guie até o meu último dia na terra. Meu desejo é continuar trabalhando na seara do Senhor, onde Ele quiser dirigir-me. Amo grandemente esse país onde passei tantas lutas, mas também onde recebi inúmeras bênçãos do Senhor durante dezesseis anos de trabalho ao lado do meu esposo. Também tenho no solo brasileiro uma pequena filha enterrada, dormindo o último sono. Tudo por amor a Jesus! Que Deus abençoe os meus queridos irmãos no Brasil! – esta é a minha contínua oração e desejo. Vossa irmã em Cristo, Frida Vingren.¹⁰⁷

2.4 A história de Ruth Doris Lemos e a formação da liderança das Assembleias de Deus no Brasil

Ruth Lemos nasceu em 10 de junho de 1925, em Barron, Wisconsin. Descendente de noruegueses, aos 16 anos, recebeu o chamado missionário e aos 18 anos, foi para o Instituto Bíblico com o pensamento de ir para o Japão. Após a conclusão do curso teológico, foi trabalhar com o irmão em uma igreja em Turlock, oeste da Califórnia, já credenciada pela Assembleia de Deus norte-americana para exercer o cargo de ministério pastoral.¹⁰⁸

Evangelizava e pregava na ausência do pastor titular. Sua função principal era a de cuidar das crianças, dos jovens e da música, já que era formada em piano. Em sua igreja, conheceu João Kolenda Lemos, seu futuro esposo. Casaram-se em 11 de junho de 1950 e foram morar no estado de Michigan, onde assumiram o

¹⁰⁶ ALENCAR, 2010, p. 57.

¹⁰⁷ VINGREN, 2011, p. 240.

¹⁰⁸ ARAÚJO, 2011, p. 174.

pastorado de uma Assembleia de Deus de língua inglesa. Foram transferidos para o Brasil em 27 de junho de 1951, vindo a residir no Rio de Janeiro.¹⁰⁹

No início, o casal teve alguns conflitos na receptividade da liderança das Assembleias de Deus no Brasil. Planejaram implantar um Instituto Bíblico para auxiliar na formação dos obreiros, já que esse era um dos principais objetivos do casal. Entre 1951 e 1955, o casal foi trabalhar na CPAD e na cooperação do programa de rádio “Voz das Assembleias de Deus”, com o missionário N. Lawrence Olson.

O Pastor Kolenda teve uma importante atuação na parte literária da igreja, principalmente nas primeiras revistas de crianças da Escola Bíblica Dominical, sendo que Ruth Dorris e Cacilda Brito, uma cooperadora da igreja, escreviam comentários revisados por Kolenda. Ruth Dorris Lemos trabalhava com o ensino das crianças na Escola Bíblica Dominical, como regente de coral e fazendo traduções, principalmente de hinos.

Em 1957, retornaram aos Estados Unidos, onde nasceu o primeiro filho. Depois retornam ao campo missionário no Brasil, com o mesmo intuito desde o início - fundar um Instituto Bíblico. Dessa vez, encontraram abertura e formaram uma equipe de pastores brasileiros junto com missionários e iniciaram a “Comissão de Instituto Bíblico” e escolhem Pindamonhangaba, interior de São Paulo, para fundar o Instituto das Assembleias de Deus (IBAD), em 18 de março de 1958, com oito alunos.¹¹⁰ Logo em seguida, nasceram duas filhas gêmeas, Rachel e Rebekah Joyce, que, junto com seu irmão, também foram cooperadoras na qualificação e expansão da igreja, atuando na continuidade e expansão do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD).

O Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD) é uma instituição de ensino bíblico-teológico com ênfase missionária. Desde sua fundação, ela tem se dedicado à qualificação e preparo dos obreiros e obreiras que têm sentido vocação para atuarem no ministério eclesiástico. O IBAD foi fundado em 1958, sob a direção do casal de missionários João Kolenda Lemos e Ruth Doris Lemos com o objetivo de treinar pessoas vocacionadas para o serviço cristão em suas múltiplas formas.

¹⁰⁹ ARAÚJO, 2011, p. 174.

¹¹⁰ ARAÚJO, 2011, p. 175.

Desde sua elaboração, a instituição se mantém fiel a sua missão. Tem sido responsável pela formação de milhares de homens e mulheres que atuam em diversas funções eclesiais. É um dos pioneiros no ensino teológico de sua denominação, oferecendo vários tipos de cursos livres seguindo os princípios doutrinários da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Atento às necessidades educacionais da Igreja, o IBAD desenvolveu um projeto para atender a um público que deseja um maior conhecimento e preparo na Palavra de Deus, cujo lema é 2 Tm 2.15, pautado nos princípios bíblicos cristãos.

Desde sua fundação, Ruth Doris Lemos se dedicou à qualificação com o objetivo principal de educar, formar e ensinar aqueles que sentem o chamado de Deus para o campo missionário. Jornalista, formada em Teologia, Ruth Doris Lemos lecionava várias disciplinas, além de ser responsável pelo grupo musical e Coral feminino do IBAD. Tal contribuição na formação dos obreiros e obreiras tem sido importante no estabelecimento e expansão da igreja Assembleia de Deus. Mesmo depois de sua morte o IBAD continua atuante na formação e capacitação de obreiros e obreiras para o campo eclesial.

Atualmente, o filho, Mark Jonathan Lemos, é o diretor do IBAD, e suas irmãs, Rachel e Rebekah Joyce, casadas com pastores, continuam contribuindo para a qualificação e expansão de tal igreja. Portanto, não se pode ignorar muito menos negligenciar a contribuição de Ruth Doris Lemos, uma mulher, que apesar de não ter o título de pastora, desempenhou a função de forma extraordinária na área do ensino e qualificação daquelas pessoas que lidam diariamente no labor da igreja.

2.5 Considerações acerca do Ministério Feminino nas Assembleias de Deus no Brasil

Desde seu início, as Assembleias de Deus no Brasil tiveram como objetivo identificar-se com a ação do Espírito em solidariedade com os pobres, com posturas eclesiais fora do comum para a época e apresentando-se como um modelo novo. Apesar de perseguido no início, tal grupo resolveu fazer uma leitura de toda a perseguição e ridicularização de outra forma, transformando o “mal” em “bem”, e a partir daí se desenvolver.¹¹¹

¹¹¹ ALENCAR, 2010, p. 155-156.

A AD foi iniciada e construída pelos pobres, analfabetos e gente da periferia; os de fora viam isto pejorativamente. Mas os assembleianos “assumiram” estas categorias como “bênção” – era a marca legalizadora da verdadeira identificação com Atos dos Apóstolos. O novo convertido, que poderia ser um seringueiro do norte, um agricultor do nordeste ou um operário do sul, na AD não era apenas “mais um” a assistir aos cultos; ele era participante da celebração. Afinal, era uma celebração da qual ele entendia.¹¹²

Por meio de uma forma simples, valorizando a experiência, constroem-se os fundamentos dessa igreja. Conforme descreve um dos seus principais fundadores, Gunnar Vingren, em uma pregação em 1922, na Suécia: “Experiências, uma fé simples e verdadeira obediência aos mandamentos do Senhor”.¹¹³

A participação das mulheres desde a origem, implantação e militância como também na educação, formação e ensino das Assembleias de Deus no Brasil foi fundamental, ainda que, conforme a história relata, de forma indireta. No Brasil, não se consagram mulheres ao cargo pastoral nas Assembleias de Deus, ainda que muitas mulheres exerçam tal prática. Estatutariamente, tal cargo e função só são dados aos homens.

¹¹² ALENCAR, 2010, p. 156.

¹¹³ VINGREN apud ALENCAR, 2010, p. 156.

3 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA IGREJA

Não há dúvidas de que as mulheres sempre participaram da vida da Igreja desempenhando funções importantes. Há estudos e evidências que mostram que nos inícios da Igreja Cristã elas participaram em pé de igualdade com os homens,¹¹⁴ inclusive sendo lideranças comunitárias reconhecidas em sua *ekkesia*.¹¹⁵ Ao longo dos séculos, no entanto, esse lugar e esse papel foram questionados ao ponto de excluir as mulheres de espaços de tomada de decisão. Tal debate tem se sustentado durante séculos e ainda hoje, em pleno século XXI, retoma-se como uma questão de conflitos ideológicos e religiosos, no qual o diálogo seria a melhor forma de tentar resolvê-lo. As igrejas, por muitos anos, têm debatido sobre a questão: é possível reconhecer a atuação das mulheres através da ordenação ministerial?

Novas mudanças no contexto político, social e religioso têm influenciado o debate, pois algumas correntes de pensamento têm indagado sobre modelos estabelecidos e se questionado a respeito das mudanças propostas. O relativismo no campo ético tem questionado as premissas defendidas por algumas instituições, alegando que não há valores morais absolutos, permanentes, válidos para todos/as em todos os tempos e lugares, uma vez que os valores seriam sempre relativos a situações determinadas e variáveis, como situações geográficas, históricas e culturais.

Essas questões marcam, por exemplo, a pluricausalidade do crescimento do pentecostalismo. As evidências são notáveis diante de diferentes perspectivas no estudo do pentecostalismo: acomodação social, superação da pobreza e machismo, alienação social, formação da cidadania, atuação política, adesismo político,

¹¹⁴ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*. uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

¹¹⁵ *ἐκκλησία* (ekkesia): 1) reunião de cidadãos chamados para fora de seus lares para algum lugar público, assembléia; 1a) assembleia do povo reunida em lugar público com o fim de deliberar; 1b) assembléia dos israelitas; 1c) qualquer ajuntamento ou multidão de homens reunidos por acaso, tumultuosamente; 1d) num sentido cristão; 1d1) assembleia de Cristãos reunidos para adorar em um encontro religioso; 1d2) grupo de cristãos, ou daqueles que, na esperança da salvação eterna em Jesus Cristo, observam seus próprios ritos religiosos, mantêm seus próprios encontros espirituais, e administram seus próprios assuntos, de acordo com os regulamentos prescritos para o corpo por amor à ordem; 1d3) aqueles que em qualquer lugar, numa cidade, vila, etc, constituem um grupo e estão unidos em um só corpo; 1d4) totalidade dos cristãos dispersos por todo o mundo; 1d5) assembleia dos cristãos fiéis já falecidos e recebidos no céu. STRONG, 2002. Verbetes: igreja.

relativização ética ou modelos administrativos de marketing.¹¹⁶ Se a Igreja muda e se adapta, revisando seus paradigmas, não seria possível que reveja suas posições com relação à participação das mulheres?

As inquietudes quanto à participação das mulheres no âmbito do governo e da gestão eclesiástica requerem uma análise e reflexão a respeito de tal tema. O pastorado ou ministério feminino, no âmbito eclesiástico, tem sido realizado ou exercido muitas vezes de maneira informal, pois em muitas instituições religiosas as mulheres não são ordenadas ao cargo ou para a função pastoral. A participação das mulheres na *ekklesia* já é bastante significativa em várias instituições eclesiásticas, porém, não reconhecida. O que se percebe é que elas atuam na liderança e na gestão de muitas Igrejas, ainda que de maneira informal.

Não significa isso que sempre tenha sido dessa maneira. Elsa Tamez fala a respeito da participação das mulheres nas comunidades primitivas:

[...] a participação das mulheres era bastante significativa. A prescrição tem como objetivo proibir algo que já está acontecendo. Schüssler-Fiorenza, em sua reconstrução do que está por trás do texto, mostra como as mulheres tinham um papel muito ativo e importante nas comunidades cristãs. Elas pregavam, debatiam, batizavam etc. Os debates antignósticos e antimontanistas não fazem mais que confirmar essa realidade. Quando se lêem as Cartas Pastorais, é quase impossível não relacionar essa discussão sobre a mulher com o livro apócrifo *Atos de Paulo e Tecla*. Nele, falamos da heroína Tecla como antítese da mulher ideal proposta por 1 Timóteo. Trata-se de uma mulher que, ao escutar a mensagem por meio de Paulo, decide não se casar e opta por se dedicar à pregação e ao ensinamento públicos, assim como Paulo. A reação contrária de sua família (especialmente de sua mãe e seu prometido) e dos chefes (homens) das outras cidades contra sua decisão de não formar uma família e de seu estilo livre de vida é tão furiosa, que ela é condenada à morte, seja queimada viva (em Icônio) ou jogada às feras (Antioquia de Pisídia). O autor ou autora desse livro anônimo de meados do século II, que se mostra a favor das mulheres líderes, reflete o debate vigoroso que suscitou uma proposta cristã de igualdade homem-mulher em uma única sociedade patriarcal estratificada.¹¹⁷

Tamez descreve que o autor da carta a Timóteo tem a intenção de controlar as mulheres por meio do discurso teológico legitimador do modelo da casa patriarcal, conforme o texto 1 Timóteo 2.13-15. A mulher deveria reduzir-se e ajustar-se ao modelo da casa patriarcal, uma postura tomada contra as mulheres ricas e

¹¹⁶ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 49.

¹¹⁷ TAMEZ, Elsa. 1 Timóteo: que problema! In: OSDOL, Judith Van (Org.). *As mulheres e a graça: releituras bíblicas de mulheres latino-americanas*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008. p. 62.

que afetava duplamente as mulheres pobres. Tal medida transferiu-se também à *casa de Deus* onde automaticamente o poder é passado à liderança masculina da elite.¹¹⁸

As mulheres têm exercido um papel fundamental no âmbito eclesial desde o início da fundação das comunidades cristãs. Elas não esqueciam a fome, a doença, nem mesmo os problemas das outras pessoas. Porém, as mulheres ainda que consigam êxito profissional, muitas vezes têm exercido uma função de inferioridade, por causa da luta pelo poder, e da manutenção das relações de poder que privilegiam os homens nas instituições religiosas.

Com a secularização da Igreja, a perda da valorização do sagrado, segundo Fiorenza, as mulheres perderam espaços e funções que foram destinadas somente aos homens. Estes ficavam com a liderança pública dirigida para o exterior, ao passo que a mulher ficava somente com atribuições no interior da gestão eclesial, limitando-as às funções subordinadas, com uma inversão das ordens canônicas que manifestavam a vocação de trabalhar na Igreja por tempo integral. Tal supremacia dos homens se deu às custas da desvalorização das mulheres por conta de algumas restrições impostas a elas, as quais delimitavam sua atuação à criação dos filhos, a preparação da comida e o cuidado com a casa, isto é, aos afazeres domésticos. Dessa forma, limitam-se as habilidades e qualificações com relação ao que poderiam desempenhar.¹¹⁹

Deste modo, a participação das mulheres nas Assembleias de Deus tem sido limitada a algumas funções básicas. A elas não é confiada nenhuma função de liderança ou funções administrativas, a não ser a algumas que são desempenhadas limitadamente. Este é o caso, por exemplo, das mulheres que atuam como dirigentes de congregação,¹²⁰ restringindo-as a uma gestão congregacional, onde o poder é limitado, sempre condicionado a submissão dos pastores de campo.¹²¹

¹¹⁸ TAMEZ, 2008, p. 64.

¹¹⁹ FIORENZA, Elisabeth Schüsseler. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 24.

¹²⁰ Dirigentes de Congregação são os obreiros responsáveis pela gestão de uma Congregação local.

¹²¹ Pastores de campo são obreiros responsáveis pela gestão de uma ou mais Congregações de uma área geográfica.

3.1 Mulheres e o exercício de poder na vida eclesial

A condição humana muitas vezes tem sido desprezada e mercantilizada por conflitos gerados pela ânsia de poder. Por conta da ambição e da disputa pelo poder, certos grupos sociais têm buscado até mesmo a produção de seres humanos superiores, a clonagem é a cada dia mais uma preocupação cujos "possíveis benefícios para a sociedade" precisam ser constantemente criticados sob o risco de se realizarem experiências desumanizantes. A fuga da condição humana tem motivado essa ânsia frenética pela "perfeição", como se motivados por uma rebelião contra a própria existência humana, que foi presenteada.¹²²

As mulheres, muitas vezes forçadas à submissão, são caracterizadas como incapazes de exercerem determinadas funções, como se elas fossem, ou ocupassem, uma posição inferior que as incapacitasse de exercer tais tarefas, como se seu cérebro não pudesse desempenhar tais funções. Essa ideia, muitas vezes, é repetida nas igrejas e formulada em termos teológicos. Como argumenta Ferraro: "[...] É em nome da masculinidade de Jesus que as mulheres são excluídas dos ministérios ditos ordenados e da representação de Cristo e da Igreja de forma oficial".¹²³

As mulheres têm sido colocadas em posição de escravas indefesas, como criaturas desprovidas de raciocínio, sempre tachadas em conceituações à margem, tidas como feixes hormonais, invisíveis e condicionadas à submissão pelo simples fato de serem mulheres. Gomes apresenta a condição das mulheres mostrando que a função feminina tem sido a própria história de sua situação de subordinação e dependência do pai ou do marido, sob uma ótica de objeto sexual do homem, colonizador e proprietário, como se elas fossem um objeto de subordinação masculina.¹²⁴

¹²² LAFER, Celso. Posfácio. In: ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 11.

¹²³ FERRARO, Benedito. Questões contemporâneas para a teologia na perspectiva de gênero. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia*. Interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003. p. 136.

¹²⁴ GOMES, Cail de Siqueira. Mulheres e o exercício de poder no sindicato e na vida eclesial. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012. p. 45.

Platão descrevia as mulheres como reencarnação dos homens covardes e injustos.¹²⁵ Já Aristóteles, seu discípulo, alegava que as mulheres tinham algumas características particulares, diferentes dos homens, como: choram com mais facilidade, são mais vulneráveis à piedade, são mais afeitas à inveja, tem menos pudor e ambição do que os homens.¹²⁶ A imagem e figura das mulheres, desde a antiguidade, tem sido de um ser inferior, com menos capacidade e habilidades do que os homens.¹²⁷

Falar de mulheres e poder é resgatar a história das mulheres. Trata-se de uma redefinição do poder político e da forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico, não pelo simples fato de ser mulher, mas de toda a questão das relações de poder na vida eclesial e diante dos paradigmas dos tempos modernos, conforme afirma Gomes.¹²⁸

A discussão sobre qual o papel das mulheres no poder dentro do âmbito eclesiástico tem suscitado muitos debates. O próprio pentecostalismo seria uma resposta à anomia social, fruto do processo de urbanização e industrialização, que desde o seu início tem enfrentado o debate sobre a participação das mulheres na gestão eclesiástica.¹²⁹ Esse debate fez com que o pentecostalismo se aculturasse, se “abrasileirasse”, tornando-se uma força agregadora e normativa, principalmente dos que estavam à margem, excluídos do âmbito social e religioso, sobretudo das mulheres.¹³⁰ O pentecostalismo tem a capacidade de reconstrução de relações fraternas e o estabelecimento de reajustamentos na urbanização desagregadora, proporcionando uma nova perspectiva de vida de seus/suas adeptos/as. Por isso, o que se tem visto é uma participação enorme e qualitativa das mulheres na gestão de tais instituições religiosas, mas não sua legitimação como ministra ou pastora.

¹²⁵ Platão afirma no livro V, da *República*, o seguinte: “[...] não há na administração da cidade, nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem”. PLATÃO. *A República: ou sobre a justiça, diálogo político*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 28.

¹²⁶ No livro 1, do clássico texto de Aristóteles, a *Política*, o pensador grego afirma que o esposo está para a sua esposa assim como o governante está para o cidadão livre. ARISTÓTELES. *Política: texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 36.

¹²⁷ RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Record, 1996.

¹²⁸ GOMES, 2012, p. 46.

¹²⁹ ALENCAR, 2010, p. 40.

¹³⁰ ALENCAR, 2010, p. 40.

Alencar relata que tal gestão proporcionava a inexistência de uma atuação política, visando apenas a “experiência religiosa”, e não um viés político com ênfase na libertação das pessoas empobrecidas e marginalizadas da sociedade. O que se tem é uma religiosidade nativa, acomodada e marginalizada pelas instituições religiosas, e que se alastravam pela periferia sem nenhuma alteração social. Os casos de atuação política no meio pentecostal foram “acidentes de percurso”, e não uma determinação da igreja, pois em nenhum momento existiu uma orientação teológica da necessidade da presença da denominação na realidade social e política, muito menos da participação das mulheres no âmbito de poder das igrejas.¹³¹

Ströher faz uma distinção do reordenamento dos poderes mostrando que na antiguidade havia uma distinção entre espaço público e privado, no qual não se tinha tanta rigidez como na modernidade a respeito dessa questão. Os filósofos viam as mulheres como boas administradoras do lar, da casa, o que implica toda a estrutura do *oikos*. Já o espaço público era o espaço do comércio, da articulação política e dos cultos públicos nos templos. Portanto, segundo Ströher, as mulheres são ativas e engajadas na vida cultural, na liderança e no ensino em toda a sua potencialidade.¹³²

A luta pelo poder, muitas das vezes, tem sido o principal motivador de tais discussões, perdendo-se a principal essência da *ekklesia*, a de proclamar as Boas Novas do Reino de Deus. Essa luta revela um desejo de supremacia de uns sobre os outros, algo que era condenado pelo próprio Mestre, quem ensinou um conceito de comunidade totalmente distinto, conforme Mateus 23.25-28:

Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

¹³¹ ALENCAR, 2010, p. 41.

¹³² STRÖHER, Marga J. Corpos, poderes e saberes nas primeiras comunidades cristãs – uma aproximação a partir das “Cartas pastorais”. In: STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBl, 2004. p. 30-31.

Deste modo, é preciso repensar qual o real e o verdadeiro objetivo de manter as mulheres afastadas do ministério das igrejas: garantir formas igualitárias de serviço ou manter estruturas de poder excludentes?

3.2 O papel e o lugar das mulheres hoje nas Assembleias de Deus

As Assembleias de Deus possuem uma liderança formal e informal. A liderança formal se dá quando uma pessoa é oficialmente designada como liderança de um grupo. Tal papel é desempenhado somente pelos homens na Assembleia de Deus. Apesar de as mulheres desempenharem uma liderança informal, que não é oficialmente nomeada como chefe de um grupo, os membros buscam nelas motivação e inspiração.¹³³

Os líderes formais têm autoridade e certos direitos e privilégios que as lideranças informais não têm. Eles exercem certo poder sobre o grupo e têm a autoridade para disciplinar e punir seus membros. Sua autoridade lhes dá um poder a mais: dar recompensas para o grupo. A liderança informal, por outro lado, não têm capacidade de tomar medidas contra os membros do grupo, nem é capaz de recompensar seus companheiros. Ela tem que contar com uma comunicação aberta, uma visão compartilhada, orientação e carisma. A liderança informal tem de liderar pelo exemplo, através de seu comportamento individual e práticas pessoais.¹³⁴

Talvez, por essa razão, as mulheres acabem exercendo uma influência muita grande mesmo que sua liderança seja exercida de maneira informal. Os cargos ocupados pelas mulheres na Assembleia de Deus, na maioria, são cargos e funções informais. O maior cargo que elas ocupam é o de missionárias.

A não aceitação por parte das Assembleias de Deus no Brasil, em ordenar mulheres ao pastorado, ocorre por causa da rejeição em compreender a relação entre religião e gênero. Conforme Eggert e Castro,¹³⁵ não entendem que o gênero é sempre influenciado por fatores sociais, como raça, etnia, cultura, classe social e idade, e também influenciado pela religião. Isso explicaria o não reconhecimento do

¹³³ ANDERSON, Todd. *Diferenças entre liderança formal e informal*. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/diferencas-entre-lideranca-formal-informal-info_264816/>. Acesso em: 21 out. 2014.

¹³⁴ ANDERSON, 2014.

¹³⁵ EGGERT, Edla; CASTRO, Amanda Motta Angelo. Os ensinamentos da Assembleia de Deus para o feminismo e suas implicações no cotidiano de mulheres tecelãs. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 188-204, jan/Jun., 2012. p. 193.

trabalho desenvolvido pelas mulheres, tendo como base uma dupla compreensão sobre o fenômeno religioso. Conforme as autoras

[...] as religiões baseadas no ascetismo e racionalismo permitem a existência de líderes, heróis, profetas. Essas religiões estariam associadas aos homens. Já as religiões de caráter “mágico” são orientadas pelo amor, distantes da ação, e são associadas às mulheres.[...] para a mulher o amor é sua suprema vocação. Tanto amar como ser amada é o desejo socialmente ditado para as mulheres. Por esse motivo, a mulher busca a experiência da religiosidade com fervor e intensidade, pois assim ela ama e é amada. Com o amor mútuo do ser sobrenatural, a mulher sente-se extremamente valorizada e, a partir disso, sente-se encarregada de uma missão, o que faz com que muitas mulheres preguem, ensinem e esperem. Segundo Beauvoir, “a mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que a salvação desça do céu onde reinam os homens [...]”.¹³⁶

Apesar do mundo estar passando por mudanças e transformações, algumas instituições religiosas têm mantido suas opiniões, valores e crenças. Com a alegação de incapacidade e falta de inteligência, muitos discursos misóginos de ordem religiosa são ainda elaborados. Para Eggert e Castro, “A teologia e a educação das mulheres para a submissão aparecem como um discurso globalizante, universal”.¹³⁷ Com isso, as mulheres, apesar de desenvolverem algumas funções de poder nas Igrejas, têm o seu direito negado pelas relações desiguais de gênero.¹³⁸

A condição humana de uma vida ativa é designada por três atividades humanas fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. Essas são condições básicas mediante as quais a vida foi dada ao homem e à mulher.¹³⁹ Arendt descreve o labor como a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. A condição humana do labor é a própria vida. O trabalho corresponde ao artificialismo da existência humana, produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. A condição humana do trabalho é a humanidade. A ação se exerce diretamente entre os seres humanos sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade.¹⁴⁰

O labor das mulheres na igreja, sem sombra de dúvidas, tem sido cumprido. O serviço, ou aquilo com que elas estão ocupadas, tem cumprido sua função numa

¹³⁶ EGGERT; CASTRO, 2012, p. 194.

¹³⁷ EGGERT; CASTRO, 2012, p. 195.

¹³⁸ EGGERT; CASTRO, 2012, p. 197.

¹³⁹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 15.

¹⁴⁰ ARENDT, 2007, p. 15.

perspectiva enfática de oposição àquilo que é menos do que trabalho, legitimamente reconhecido, institucionalmente. Pois as mulheres têm realizado um trabalho significativo na vida da Igreja, desde o seu início, conforme descreve o Apóstolo Paulo aos Gálatas, quando trata do auxílio mútuo e da responsabilidade pessoal que todas devem ter no âmbito do serviço ao Reino de Deus:

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Mas prove cada um o seu labor e, então, terá motivo de gloriar-se unicamente em si e não em outro. Porque cada um levará o seu próprio fardo (Gl 6.1-5).

Labor significa trabalho árduo, dificultoso, demorado. Na passagem acima, Paulo fala desse labor como *εργον* (ergon).¹⁴¹ Essa é a forma como as mulheres exercem os ministérios nas igrejas: de forma árdua, dolorosa, mas sempre cumprindo o fundamental do ministério, que é o serviço. Segundo o evangelista, o trabalho é grande, mas poucos são os que querem trabalhar,¹⁴² já que trabalho é atividade realizada por alguém para alcançar um determinado fim ou propósito. São mecanismos mentais ou intelectuais utilizados na realização de alguma coisa. Portanto, é alguém que faz, e não só aqueles/as que têm uma titulação institucional.

Tal empenho tem levado as mulheres à ação, não as limitando simplesmente à esfera da ação restrita institucional, pois o seu serviço se dá em cumprir a missão primordial do Reino de Deus, e que é proclamar as Boas Novas do Reino de Deus. Uma esfera da ação missionária, não limitada à esfera Institucional da *ekklesia*, pois as mulheres ultrapassam os limites impostos, ainda que de maneira informal, é anunciar o Evangelho para além das fronteiras que lhes são impostas, conforme a descrição do Apóstolo Paulo (2 Co 10.13-18):

Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo; não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós,

¹⁴¹ STRONG, James (Org.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Verbetes: igreja.

¹⁴² Conf. Mateus 9.37-38: “E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara”.

dentro da nossa esfera de ação, a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio. Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor. Porque não é aprovado quem a si mesmo se louva, e sim aquele a quem o Senhor louva.

O *ethos* adotado pela *ekklesia* não deve ser um *ethos* mercantilista, mas sim um *ethos* pautado na ética proposta pelo próprio Cristo: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mc 12.31). Um *ethos* contemplativo, que visa não só a bem-aventurança última e perfeita a ser obtida na outra vida, mas um *ethos* que vê na vida contemplativa a finalidade do ser humano. Que propõe um caminho que leva à única atividade de valor, ainda que menor e imperfeita e que se pode alcançar nesta vida, a saber, o reconhecimento do valor da vida prática ou ativa, do trabalho e da atividade, a *práxis*.

O *ethos* mercantilista não pode ser o fator condicionante que promova a participação das mulheres nos ministérios formais da igreja, pois a igreja não está condicionada sob a mercantilização do evangelho. Tal labor feminino deve estar condicionado pela igualdade e pelo cumprimento da missão e da proclamação do evangelho, conforme era exercido no início da história das comunidades cristãs.

3.3 Gênero, ministérios e perspectivas para o futuro da igreja

A lógica do desenvolvimento econômico impõe mudanças ideológicas que são regidas por imposições mercantilistas. A valoração das mulheres tem sido um dos pontos no debate do âmbito da gestão eclesial. O que se tem notado é que as mulheres ainda são minoria nas posições-chave do mercado de trabalho. A questão não é de competência, mas de tempo de mercado. Contudo, posições que não eram ocupadas por mulheres há alguns anos, agora têm sido.¹⁴³

A forma como estão construídas as relações de poder faz surgir a seguinte questão: por que as mulheres não abandonam as igrejas? Fiorenza afirma que queiram mudar para outra denominação religiosa, queiram não pertencer a nenhuma instituição religiosa, o que elas não podem jamais é renunciar ao direito à autoridade espiritual. Poder este feminino e teológico, como afirma Fiorenza, e que há séculos

¹⁴³ JÚLIO, Carlos. Mulheres ainda são minoria nas posições-chaves do mercado de trabalho, *Jornal da CBN*, segunda edição. Exibido no dia 07 jan. 2014. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/carlos-julio/2014/01/07/MULHERES-AINDA-SAO-MINORIA-NAS-POSICOES-CHAVES-DO-MERCADO-DE-TRABALHO.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

vem sendo roubado e hoje está novamente ameaçado de vários modos: a perda da memória histórica das mulheres, redefinição e reavaliação do trabalho das mulheres, ou o roubo do “poder de nomear”.¹⁴⁴

A trajetória de mulheres como Frida Vingren e Ruth Doris Lemos, apresentadas no capítulo anterior, evidenciam sua importância na história e desenvolvimento das Assembleias de Deus no Brasil. Tais narrativas revelam não apenas a contribuição dessas duas mulheres, mas de milhares de outras que participam e colaboram na função eclesial da denominação. São testemunho vivo da importância do labor, do trabalho e da ação das mulheres e do questionamento das estruturas que não reconhecem o seu trabalho de maneira formal.

A perda da memória histórica das mulheres seria a perda do poder religioso de autonegação. A ausência das vozes das mulheres e sua imperceptibilidade na história intelectual são fundamentais para a perpetuação e hegemonia do poder patriarcal. É preciso ter o cuidado de não se deixar apagar o labor feminino.¹⁴⁵

A redefinição e reavaliação do trabalho das mulheres pode ser outra forma de roubar e ameaçar este poder religioso. “[...] Esta redefinição e mais a apropriação do feminismo pelo patriarcalismo, para a consumação pública, serve para intimidar as mulheres, impedindo-as de se identificarem como feministas”.¹⁴⁶ Seria uma “discriminação ao inverso”, com críticas radicais da Igreja ao feminismo, como uma arma de controle mental, nos círculos cristãos, equiparando-o ao humanismo secular, igualando-o ao “gnosticismo”. A discriminação das mulheres na igreja passa por rotulagens dissimuladas e, assim, o feminismo defendido pelas teologias feministas acaba sendo colocada ao lado de outras tendências rejeitadas como coisa do “mundo”, uma tentativa de desmobilização da crítica ao patriarcado.¹⁴⁷

O outro modo de intimidação é o de “roubar o poder de nomear”, mantendo o controle patriarcal sobre a teologia por meio da definição do feminismo. Trata-se da estratégia de “dividir para conquistar”. Tal feminismo seria como um movimento destinado a promover e assegurar os papéis apropriados às mulheres na igreja e na

¹⁴⁴ FIORENZA, 1995, p. 11-15.

¹⁴⁵ FIORENZA, 1995, p. 12-14.

¹⁴⁶ FIORENZA, 1995, p. 14.

¹⁴⁷ FIORENZA, 1995, p. 14.

sociedade. Destinando “papéis apropriados” exploratórios para as mulheres, e as condicionando simplesmente a funções de submissão.¹⁴⁸

Diante de todas essas questões, as igrejas têm alguns desafios éticos para o futuro. Como tratar o discipulado de iguais? Como as igrejas têm tratado a questão da igualdade de oportunidades de mulheres e homens no serviço comunitário? As instituições religiosas precisam analisar que o ministério feminino não se desenvolveu nem prosperou por conta da oposição quanto à ordenação das mulheres, formando uma tradição que tem durado por um longo tempo em instituições como as Assembleias de Deus.

O motivo fundamental evocado contra o acesso das mulheres ao ministério pastoral se encontra na interpretação do desígnio divino manifestado como revelação. A questão, portanto, não se refere a um motivo antropológico que diga respeito às qualidades ou defeitos da mulher. Homens e mulheres são iguais em Cristo. As diferenças de gênero não implicam em inferioridade. Todos têm a mesma dignidade, habilidades e dons.¹⁴⁹

A afirmação de que os homens são mais aptos ao governo e à autoridade pastoral e à indicação ao ministério demonstra a limitação da mulher a papéis auxiliares, no caso das Assembleias de Deus no Brasil ao cargo máximo de missões. Embora as mulheres tivessem plena atuação na vida da Igreja, tiveram suas participações limitadas às atividades do ensino, da pregação, da evangelização e até mesmo da administração, mas não ao de pastorado. Não se deve apresentar o ministério como superioridade de dignidade, já que Jesus o instituiu como serviço humilde, isto é, a negação de si mesmo. A igreja não pode ser um lugar em que haja disputa de poder, nem de egoísmo, mas de respeito à diversidade entre homens e mulheres favorecendo a sua complementaridade, ou seja, o homem é complementar à mulher e esta ao homem, uma complementaridade na igualdade.¹⁵⁰

Portanto, o serviço ou ministério abnegado é o centro da identidade cristã e da comunidade. A ordenação é tornada, assim, uma inapagável marca de hierarquia e do não reconhecimento de dons espirituais necessários a um ministério. Pois ainda que as mulheres não tenham uma ordenação referente ao pastorado, elas têm

¹⁴⁸ FIORENZA, 1995, p. 15-16.

¹⁴⁹ CIPOLINI, D. Pedro Carlos. *A posição da Igreja frente à figura da mulher*. Disponível em: <<http://www.diocesedeamparo.org.br/registrodiverso.asp?id=72>>. Acesso em: 21 out. 2014.

¹⁵⁰ CIPOLINI, 2014.

realizado a missão de proclamar o Reino de Deus e de seu serviço ao mundo. Ainda que de maneira informal as mulheres não deixaram de cumprir a sua missão, e mesmo que não sejam reconhecidas institucionalmente em várias denominações, no cargo ou função pastoral, elas continuam ativas e sustentando grande parte da missão evangelizadora dada para os cristãos pelo próprio Jesus.¹⁵¹ Nesse sentido, Frida Vingren e Ruth Lemos são exemplos desse trabalho e de sua importância para a vida da Igreja.

¹⁵¹ FIORENZA, 1995, p. 329.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo moderno apresenta grandes mudanças, além de novas ideologias que têm tensionado grandemente as relações entre os grupos sociais. As velhas ideologias vão cedendo lugar às novas ideologias, trazendo uma nova percepção e interpretação de mundo, que são fornecidas por um novo olhar. O conceito de modernidade está sempre relacionado para nós ao “novo”, com aquilo que rompe com a tradição. Essas “novas” ideologias, mediadas por um compromisso ideológico, tornam-se a escolha de um estilo de vida, pautado e mediado por essas novas percepções que evoluem com o passar do tempo.

A etimologia de “moderno” significa “agora mesmo”, “neste instante”, “no momento”, uma ideia que vem nos designar o que é o contemporâneo. Tal sentido da palavra nos leva a fazer uma divisão entre os dois períodos, opondo-se ao que é anterior e nos levando a uma reflexão. Duas noções fundamentais estão relacionadas à ideia de moderno: a ideia de progresso, que nos leva a considerar o novo melhor ou mais avançado que o antigo; e a valorização do indivíduo, ou da subjetividade, como lugar da certeza e da verdade, levando-nos a origem de valores opostos à tradição. Tais questões da modernidade resultaram na ruptura com a tradição, na oposição entre aquilo que era considerado antigo e o novo, permeado pelo ideal do progresso, com ênfase na individualidade e na rejeição da autoridade institucional, questões que hoje se fazem presentes desafiando e questionando a ética em muitas igrejas, as quais estiveram pautadas por valores tradicionais e se veem obrigadas a responder essas indagações.

As feministas desafiaram as noções convencionais de política e religião buscando o seu espaço. Trouxeram um discurso crítico desconstruindo vários mitos a respeito das mulheres, as quais até então só eram vistas na figura de mãe, esposa, virgem, dona de casa, etc. Ideias que, por um bom tempo, aprisionaram as mulheres em ideais de submissão ao homens, e que no desenrolar da modernidade passaram a ser questionadas pelas lutas das mulheres, tendo nas lutas políticas um de seus principais meios de enfrentamento.

Após essa abordagem, no âmbito ético e teológico, podemos colher algumas novas e instigantes percepções. A mulher é lutadora e mesmo dentro de estruturas

patriarcais como a organização de uma denominação religiosa pentecostal, profundamente ligada às estruturas do patriarcalismo nordestino, conseguiu estabelecer pontes com as demandas e movimentos da sociedade moderna.

Como afirma Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, as mulheres devem se libertar tanto da ideia de que devem ser como os homens quanto da passividade que a sociedade lhes impõe. Porém, “ser mulher”, aceitar um papel ou função que é transmitida pela sociedade, traz muitos riscos à segurança tanto emocional quanto física das mulheres. Isso em razão da estrutura patriarcal da sociedade contemporânea que pode mesmo impor certos papéis às mulheres de forma violenta, física e simbolicamente.

Frida Vingren e Ruth Doris Lemos não se intimidaram. Elas resolveram correr os riscos, colocando-se numa posição de igualdade diante dos desafios vivenciados naquele ambiente histórico, mostrando que as mulheres contribuem da mesma forma que os homens à construção da sociedade, no que se refere à participação responsável e consciente dos cristãos ao ministério pastoral das igrejas. Vivenciaram o poder de Deus como poder para o serviço, que não está disponível apenas para os homens, mas é responsabilidade e dever de todas as pessoas em busca do bem comum, expresso pelo próprio Cristo ao sintetizar os Dez Mandamentos na ética do amor ao próximo, fazendo referência ao relacionamento vertical, do ser humano com Deus, expresso nos três primeiros mandamentos, e ao relacionamento horizontal, dos outros sete mandamentos, consigo mesmo e com o próximo.

Portanto, pensar e articular o papel e o lugar das mulheres hoje nas Assembleias de Deus no Brasil são desafios inadiáveis. As igrejas na atualidade não podem se omitir, pois a participação das mulheres, ainda que de forma informal, tem exercido, sem sombra de dúvidas, função estruturante a respeito da fé em Jesus.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. com números de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

A origem do lema “Jesus salva, cura, batiza com Espírito Santo e em breve voltará”. *Jornal Mensageiro da paz*, Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), jun, 2011.

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

_____. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. Dissertação. (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ANDERSON, Todd. *Diferenças entre liderança formal e informal*. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/diferencas-entre-lideranca-formal-informal-info_264816/>. Acesso em: 21 out. 2014.

ARAÚJO, Isael de. *100 Mulheres que fizeram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. *Política: texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BATISTA, Israel. Para brotar, a Semente deve morrer. In: SINNER, Rudolf von (Org.). *Missão e Ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2009.

BINGEMER, M. C. *O segredo feminino do mistério*. Petrópolis: Vozes, 1991.

BLEDSOE, David Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro: IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CAVALCANTE, Robinson. Disponível em: <<http://www.dar.org.br/bispo/50-artigos/1460-espiritualidade-e-consciencia-politica-forum-cristao-de-profissionais.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

CIPOLINI, D. Pedro Carlos. *A posição da Igreja frente à figura da mulher*. Disponível em: <<http://www.diocesedeamparo.org.br/registrodiverso.asp?id=72>>. Acesso em: 21 out. 2014.

CONDE, Emílio. *Histórias das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DEIFELT, Wanda. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: TOMITA, Luiza E. et al. *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo: Paulinas, ASETT, 2006.

EGGERT, Edla; CASTRO, Amanda Motta Angelo. Os ensinamentos da Assembleia de Deus para o feminismo e suas implicações no cotidiano de mulheres tecelãs. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 188-204, jan/Jun., 2012.

ENGELS, Friedrich. A Origem da Família e do Estado. In: OLIVEIRA, André Tadeu de. *Cristianismo e a questão feminista: Análise Teológica, Histórica e Sociológica*. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012.

ERICKSON, Millard J. *Dicionário popular de teologia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FERRARO, Benedito. Questões contemporâneas para a teologia na perspectiva de gênero. In: SOTER (Org.). *Gênero e teologia*. Interpelações e perspectivas. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003. .

FIORENZA, Elisabeth Schüsseler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAEDE NETO, Rodolfo. São Leopoldo. *Alteridade*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2013. 27 slides, color.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GEBARA, Ivone. *O que é teologia feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOMES, Cail de Siqueira. Mulheres e o exercício de poder no sindicato e na vida eclesial. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012.

GRENZ, S. J.; GURETZKI, D.; NORDLING, C. F. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 2001.

GRENZ, Stanley J. *A busca da moral: fundamentos ética cristã*. São Paulo: Vida, 2006.

GROLLI, Dorilda. *Alteridade e Feminismo: uma abordagem filosófica de alteridade e feminismo na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos histórico-sociais no contexto latino-americano*. 1998.

HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: do feminismo ao multiculturalismo*. São Paulo: Ática, 2010. v. 2.

JÚLIO, Carlos. Mulheres ainda são minoria nas posições-chaves do mercado de trabalho, *Jornal da CBN*, segunda edição. Exibido no dia 07 jan. 2014. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/carlos->

julio/2014/01/07/MULHERES-AINDA-SAO-MINORIA-NAS-POSICOES-CHAVES-DO-MERCADO-DE-TRABALHO.htm>. Acesso em: 11 jan. 2014.

LAFER, Celso. Posfácio. In: ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LEWIS, C. S. *A Essência do Cristianismo Autêntico*. São Paulo: ABU, 1979.

LIBÂNEO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à Teologia*. Perfil, enfoques e tarefas. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. *O Feminismo Cristão: como tudo começou*. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/12/o-feminismo-cristao-como-tudo-comecou.html>>. Acesso em: 04 out 2014.

LUDOVICO, Isabelle. *O resgate do feminino: a força da sensibilidade e ternura em homens e mulheres*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MORIN, Edgar. *O Método. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MURAD, Afonso et al. *A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

OLIVEIRA, André Tadeu de. O Cristianismo e a questão feminista: análise teológica, histórica e sociológica. *Teologia e Sociedade*, São Paulo, n. 9, p. 60-77, nov., 2012.

PLATÃO. *A República: ou sobre a justiça, diálogo político*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Guia politicamente incorreto da filosofia*. São Paulo: Leya, 2012.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Record, 1996.

SEIBT, Cezar Luís. *A dupla estrutura do conhecimento: relação entre teoria e compreender prévio do ser-no-mundo em Martin Heidegger*. Tese. 200 f. (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), Porto Alegre, 2009.

SILVA, Silvia Regina de Lima. Apresentação. In: OSDOL, Judith Van. (Org.). *As mulheres e a graça: releituras bíblicas de mulheres latino-americanas*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

STRÖHER, Marga J. Corpos, poderes e saberes nas primeiras comunidades cristãs – uma aproximação a partir das “Cartas pastorais”. In: STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

STRONG, James (Org.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Verbete: igreja.

TAMEZ, Elsa. 1 Timóteo: que problema! In: OSDOL, Judith Van (Org.). *As mulheres e a graça: releituras bíblicas de mulheres latino-americanas*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2012.